

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

Grace Kelly Silva de Carvalho

O ATO DE BRINCAR, BRINQUEDOS E JOGOS: AS JUSTIFICATIVAS
TEÓRICAS EM JEAN PIAGET E LEV VYGOTSKY

São Cristovão/SE
2013

Grace Kelly Silva de Carvalho

O ATO DE BRINCAR, BRINQUEDOS E JOGOS: AS JUSTIFICATIVAS
TEÓRICAS EM JEAN PIAGET E LEV VYGOTSKY

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Sergipe como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em
Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Aparecida Bretas

São Cristóvão / SE
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Grace Kelly Silva de Carvalho

O ATO DE BRINCAR, BRINQUEDOS E JOGOS: AS JUSTIFICATIVAS
TEÓRICAS EM JEAN PIAGET E LEV VYGOTSKY

Monografia aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Graduação em
Pedagogia.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvana Aparecida Bretas

Profa. Dra. Tacyana Karla Gomes Ramos

Profa. Dra. Ana Maria Lourenço de Azevedo

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ser meu guia e iluminar meus pensamentos para que tudo ocorresse bem e para o bem. Agradeço aos meus pais pelo amor, paciência e sabedoria em suportar meus períodos de crise e de tristeza. Às minhas amigas, Jéssica, pelo companheirismo, lealdade e a mão estendida que acolhe e acalma. À Jacqueline pela persistência e Aneide pelo apoio e incentivo. Ao meu namorado pela sabedoria e carinho ao me mostrar que devemos lutar pelos nossos sonhos e pelas palavras sábias quando eu acreditava que não conseguiria. E agradeço com imenso carinho a minha orientadora pela dedicação e puxões de orelha mostrando que para ser uma profissional que faz a diferença, é preciso dar o melhor de si.

Resumo:

O presente trabalho monográfico tem a intencionalidade de discutir e explorar a teoria de Jean Piaget e Lev Semenovitch Vygotsky para apreender suas justificativas teóricas a respeito do ato de brincar, dos brinquedos e dos jogos ao longo da temporalidade da infância. Ao estudar as respectivas teorias procurou-se compreender como analisam o processo do desenvolvimento intelectual, social e afetivo da criança e, com mais ênfase, a importância do brincar e dos brinquedos no contexto maior do desenvolvimento cognitivo. A metodologia adequada a este tipo de estudo foi à pesquisa biográfica e bibliográfica que se pautou na seleção das obras, nas suas tematizações, nos seus conceitos e, demorou-se mais, no tema central deste trabalho. Também foram consultados os comentaristas dos dois autores para auxiliar a análise e, ainda, possibilitar a comparação entre ambos. Finalmente, argumenta-se a favor da teoria de Piaget e Vygotsky na contribuição que oferecem à educação, concluindo que suas ideias e seus conceitos propiciam ao docente uma formação mais qualificada e completa.

Palavras-chave: desenvolvimento cognitivo, aprendizagem, brincar, brinquedos e jogos.

Abstract: This monograph is intended to discuss and explore the theories of Jean Piaget and Lev Semenovitch Vygotsky to apprehend their theoretical justifications about the act of playing, toys and games along the temporality of childhood. We attempted to understand how the authors analyze the process of intellectual, social and emotional development of the child, and more specifically, the importance of playing and of toys in the larger context of the cognitive development. The appropriate methodology for this type of study was biographic and bibliographic research, which was based on the selection of the publications, in their thematizations, concepts, focusing on the central theme of the present study. Also, the commentators of the two authors collaborated in the analysis and provided the necessary elements for a comparison between the authors. Finally, we advocate the theories of Piaget and Vygotsky because of their contribution to education, concluding that their ideas and concepts provide more complete and effective docent training.

Keywords: cognitive development, learning, playing, toys and games.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – Uma análise comparativa entre a teoria psicogenética de Jean Piaget e a teoria sócio-interacionista de Lev Semenovitch Vygotsky.....	11
1.1 Jean Piaget – vida e obra.....	12
1.2 Lev Semenovitch Vygotsky – vida e obra.....	24
1.3 – Divergências que geraram semelhanças.....	30
CAPÍTULO II – A concepção de brinquedo e brincadeira em Piaget e Vygotsky	
2.1 - Brincadeiras e jogos na concepção psicogenética de Jean Piaget.....	35
2.2 - A brincadeira na teoria sócio-interacionista de Vygotsky.....	41
CAPÍTULO III – A contribuição de Piaget e Vygotsky para a área da educação	
3.1 Piaget e a educação.....	49
3.2 Vygotsky e a educação.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

INTRODUÇÃO

A educação é um processo sociocultural que se transforma de acordo com o tempo e a necessidade da sociedade e, como um processo de sociabilização, está sempre buscando instrumentos para se aperfeiçoar e melhorar o ambiente em que está inserida, visando meios de tornar a aprendizagem mais significativa, fundamental e acessível a todos. Procurando uma forma de observar mais detalhadamente o desenvolvimento da criança e de que modo à brincadeira contribui na formação dela, a presente monografia abordará estudos comparativos entre dois relevantes autores da teoria cognitivista que contribuíram para a área educacional: Jean Piaget (09/08/1896 a 16/09/1980) e Lev Semenovitch Vygotsky (17/09/1896 a 11/06/1934). Para isso, foram realizados estudos biográficos e bibliográficos dos teóricos a fim de selecionar as obras que foram objetos de análise. Em Jean Piaget foi selecionada as obras “Psicologia e epistemologia” (1971); “A formação do símbolo na Criança” (1975); “A Psicologia da Criança” (1990); “Para onde vai à educação?” (1978). Já em Vygotsky foram estudadas as obras: “Formação social da mente” (1998) e “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem” (1988). Os critérios que se levou em consideração para escolher estas obras foram os seguintes: a) apresentação geral do fundamento das respectivas teorias cognitivistas; b) esclarecimento da rede conceitual central elaborada por cada autor; c) principais ideias a respeito do ato de brincar, da importância do brinquedo e dos jogos para a infância e, finalmente d) suas elaborações a respeito da educação escolar para a criança. Paralelo a estes estudos, buscou-se também conhecer aspectos biográfico de cada teórico, no intuito de relacionar sua vida a sua obra.

Deste modo, pode-se entender que na obra “Psicologia e epistemologia” (PIAGET, 1971), vêm discutir a teoria do conhecimento e a perspectiva de outros pensadores com os quais ele dialogou. Nesta obra também, identificou nas crianças menores a constituição do conhecimento aritmético e os do conhecimento físico, enfatizando que não é apenas o meio social que pode ser responsabilizado pelo crescimento ou atraso da criança, mas também, os fatores biológicos. Em “A formação do símbolo na Criança” (PIAGET, 1990), observa e analisa o desenvolvimento da criança desde o nascimento a partir de cada movimento espontâneo em cada fase etária e cognitiva dos pequenos. Ai também vai tratar dos jogos como elemento fundamental

na construção do conhecimento. Na terceira obra “A Psicologia da Criança” (PIAGET, 1990), vem mostrar que os anos iniciais de vida de uma criança são decisivos na definição posterior de sua personalidade. A atenção, os cuidados que um recém-nascido ou uma criança pequena exige para o seu desenvolvimento psicomotor e o progresso de suas capacidades afetivas, físicas e mentais são de extrema importância ao seu futuro. Já no quarto livro selecionado, “Para onde vai a educação?” (PIAGET, 1978), aborda o aprendizado e desenvolvimento do raciocínio lógico matemático na criança segundo suas próprias capacidades e, neste sentido, discute o papel do professor como quem pode auxiliar sobremaneira neste processo sem, contudo, querer fazer pela criança. Pois, as crianças aprendem ao seu tempo, de maneira natural e dessa maneira pode-se formar discentes capazes de criar, produzir, debater ideias e não apenas repetir informações.

Em Vygotsky, foram estudadas as seguintes obras: “Formação social da mente” (1998), onde discute os processos sociais do desenvolvimento cognitivo do sujeito, enfatizando a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social através da categoria trabalho, no sentido marxista do termo, como meio fundamental de relação entre o homem e a natureza. Discute também o desenvolvimento da linguagem através do ambiente cultural. Já na segunda obra “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem (VYGOTSKY, 1988), vem mostrar que as funções psicológicas superiores acontecem através das relações interativas entre os indivíduos mediado pela linguagem, ou seja, a linguagem é o meios fundamental do desenvolvimento.

Deste modo, acredita-se que os critérios de seleção das obras foram amplamente atendidos.

O que fica cada vez mais claro perceber e observar a importância desse estudo é que, mesmo que sejam autores amplamente divulgados entre os educadores, é imprescindível dominar com maior rigor os seus princípios gerais, suas ideias, suas redes conceituais e, deste modo, procurar fundamentar a futura prática docente. Por outro lado, é sabido que educadores dialogam a respeito do tempo próprio de cada criança, mas querem resultados de imediato, precisa-se aprender o mais rápido possível e, assim, cria-se “máquinas do saber”, quanto mais informações assimilarem, supõe-se, que será melhor para a criança e, conseqüentemente, sociedade. Incomodada com tais presunções e sendo estudante do curso de Pedagogia, resolvi abordar estas questões ao

observar que para muitos docentes a brincadeira é vista como uma atividade sem importância, sem contribuição para o desenvolvimento da criança e, mais ainda, uma perda de tempo uma vez que preferem os conteúdos sistematizados do ensino.

Para meu contentamento, encontrei fundamentos teóricos que fornecem argumentos para defender o contrário do exposto acima, pois, a partir do momento em que a criança brinca vai desenvolvendo seu raciocínio, sua imaginação, seu lado afetivo e relacionando o seu mundo imaginário com o mundo real. Outro fato bem relevante é perceber que os dois autores vêem o educando como um “construtor do conhecimento”, capaz de criar, de dialogar e de participar ativamente do processo ensino-aprendizagem como um ser ativo da educação.

Como já foi dito, ao propor um estudo comparativo entre as obras de Jean Piaget e de Lev Semenovitch Vygotsky tem-se a intenção de concentrar o interesse no lugar dispensado a brincadeira em ambos autores, por isso questionamos: quais os respectivos conceitos que gravitam em torno das explicações do desenvolvimento cognitivo, são elaborados pelos autores aqui referidos? Quais são as ideias principais sobre o ato de brincar, da importância do brinquedo e dos jogos na educação da infância? E de que forma podem contribuir com o aprendizado na escola? Por fim, o que tais teorias têm a dizer à área educacional?

Para responder tais questões, definiram-se como objetivos os seguintes pontos:

- Compreender as teorias cognitivista de Jean Piaget e Lev Vigotsky;
- Identificar os princípios gerais das obras selecionadas, bem como a rede conceitual em ambas as teorias;
- Comparar as suas semelhanças e diferenças
- Debater as ideias de Piaget e Vygotsky sobre o ato de brincar, a importância dos brinquedos e dos jogos para o desenvolvimento afetivo, social e cultural da criança;

A primeira hipótese pertinente a este trabalho considera que tanto Piaget quanto Vygotsky acreditam que todos são capazes de aprender de acordo seus próprios ritmos e “tempo” em adquirir conhecimentos. A segunda hipótese aqui considerada sustenta que

em ambos os autores, tratou o ato de brincar, a importância do brinquedo e dos jogos durante a infância de modo destacado em suas teorias.

No primeiro capítulo será realizada uma comparação entre a teoria de Piaget e de Vygotsky, destacando vida e obra, biografia e mostrando as semelhanças e diferenças entre eles. Já no segundo capítulo serão abordadas as conclusões desses teóricos a respeito da brincadeira, os benefícios que esta atividade proporciona ao desenvolvimento infantil. No terceiro e último capítulo, serão discutidas suas teorias na área da educação. Nas considerações finais reserva-se para expor as principais lições que foram possíveis de serem extraídas destes estudos.

Pesquisar sobre esses autores não é apenas conhecer, é compreender o ser humano nos seus limites e desafios. Ao estudar a infância, Piaget e Vygotsky, cada um a seu modo, nos revela aspectos fundamentais da mente e coração humano.

1. Uma análise comparativa entre a teoria psicogenética de Jean Piaget e a teoria sócio-interacionista de Lev Semenovitch Vygotsky

O presente capítulo pretende traçar uma breve comparação entre a teoria psicogenética da cognição humana elaborada por Jean Piaget (1896 – 1980) e a teoria sócio-interacionista elaborada por Lev Semenovitch Vygotsky (1896 – 1934). Primeiramente discutir-se-á, em linhas gerais, a escolha por esses dois autores e, em seguida, será estabelecido uma relação entre vida e obra de cada um deles. Na medida em que desenvolver as análises, os comentadores de cada estudioso são consultados para o auxílio na compreensão das respectivas obras. Ao final do capítulo será argumentado as principais semelhanças e diferenças entre eles. Pois, com o objetivo de compreender a maneira como cada estudioso explica e analisa o processo de desenvolvimento cognitivo do indivíduo, a pretensão é apropriar-se destas teorias para, mais adiante, destacar o valor e significado da brincadeira e do brinquedo que os referidos autores atribuem a esta atividade e a este objeto ao longo do desenvolvimento infantil.

Reconhece que Piaget e Vygotsky não devem ser considerados nem pedagogos e nem psicólogos, mas tão somente, estudiosos que se dispuseram a desvendar o modo como o sujeito humano se apropria do conhecimento e, assim, explicam detalhadamente o desenvolvimento do indivíduo nos aspectos do raciocínio lógico bem como social, interativo e afetivo.

A escolha por estes dois teóricos se deu devido à cautela e a observação detalhada ao tratar sobre o desenvolvimento humano, compreender a capacidade de o indivíduo aprender, interagir, se relacionar, olhar cada pessoa como único no processo de crescimento. Piaget em suas pesquisas fez experimentos, observações sobre o processo do conhecimento, quais são os fatores de maior relevância nesse processo e como são organizadas as estruturas mentais.

Enquanto Vygotsky vê o homem como um ser interativo que a partir da relação com os outros, da cultura e da linguagem adquire conhecimentos, se tornam os construtores do saber.

Ambos veem a criança como sujeito que mesmo antes de ingressar em uma instituição escolar possuem conhecimentos, portanto, basta aos pais, educadores e todos

os que a acompanham instigá-la, conhecê-la, compreendê-la para que todos possam criar suas formas de construção do conhecimento.

Para podermos discutir e comparar esses dois teóricos, foram feitas escolhas dessas obras devido à explicação dos autores ao tratar do desenvolvimento, a maneira clara e objetiva de expressão, e também onde retratavam a importância da brincadeira, entre as obras que compõe a fortuna teórica dos autores estudados, como já foi exposto na introdução. Em Jean Piaget, foi examinado na biblioteca os livros que explanavam sobre o desenvolvimento e a brincadeira como instrumento de construção do homem, e também os exemplares que se encontravam disponíveis na Bicen (Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe), foram escolhidas as seguintes obras: “Psicologia e epistemologia” (1971); “A formação do símbolo na Criança” (1990); “A Psicologia da Criança” (1990) e “Para onde vai à educação?” (1978). Em Vygotsky, considerei as seguintes obras estudando-as, por explicarem sobre o desenvolvimento de forma clara, sucinta e objetiva ressaltando a importância da brincadeira na formação do sujeito, sendo elas: “Formação social da mente” (1998); “Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem (1988).

1.1 JEAN PIAGET – VIDA E OBRA

Jean William Fritz Piaget mais conhecido como Jean Piaget, nasceu na cidade de Neuchâtel, Suíça, no dia 09 de agosto de 1896 e morreu em setembro de 1980, também na Suíça, filho de Arthur Piaget, professor de Língua e Literatura Medievais e de Rebecca Suzane, uma das primeiras socialistas. Desde criança interessou-se por mecânica, fósseis e zoologia, foi uma criança precoce, tendo publicado seu primeiro artigo sobre um pardal albino aos 11 anos de idade. Estudou inicialmente biologia na Universidade de Neuchâtel onde concluiu seu doutorado, posteriormente com o objetivo de analisar as relações entre o conhecimento e a vida orgânica, sentiu necessidade de apelar para os conhecimentos da Psicologia contemporânea e se dedicou a área de Epistemologia, Psicologia e Educação. Em 1919, mudou-se para a França, onde foi convidado a trabalhar no laboratório de Alfred Binet, um famoso psicólogo infantil que desenvolveu testes de inteligência padronizados para crianças. Iniciou seus estudos experimentais sobre a mente humana e começou a pesquisar também sobre o desenvolvimento das habilidades cognitivas. (CHIARROTTINO, 1972)

Seu conhecimento de Biologia levou-o a enxergar o desenvolvimento cognitivo de uma criança como sendo uma evolução gradativa. A inteligência acontece de maneira processual e vai sendo adaptada por meio do meio em que está inserido, como se pode ver.

Para Piaget, inteligência é adaptação e sua função é estruturar o universo, da mesma forma que o organismo estrutura o meio ambiente, não havendo diferenças essenciais entre os seres vivos, mas somente tipos específicos de problemas que implicam em níveis diversos de organização [...]. (PIAGET, 1978, p.X)

Ou seja, para Piaget (1978), a inteligência é conhecer o universo e explorá-lo, através dessa troca com o meio, o sujeito vai formando suas estruturas cognitivas e as adaptando ao seu ambiente. O autor acredita que o conhecimento é uma construção que acontece através das ações do sujeito com o meio em que está inserido, esse aprendizado se dá na interação e manipulação dos objetos. Ou seja, não é adquirido através da leitura ou de ouvir outra pessoa argumentar, ele é construído a partir das ações do sujeito sobre o objeto. Por exemplo, se o bebê vê uma boneca, ele vai pegar, mexer, chacoalhar, ou seja, explorando esse objeto para conhecer, para entender o seu significado, começa a repetir o que faz, existe uma tentativa da criança no sentido de variar sua ação sobre os objetos a fim de conseguir diferentes resultados. Como se pode analisar, o teórico acreditava que através da troca com o meio ambiente, o indivíduo iria organizando e adaptando as suas estruturas mentais, pois a inteligência é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova e, como tal, implica a construção contínua de novas estruturas. Segundo Chiarottino (1972) esta adaptação refere-se ao mundo exterior, como toda adaptação biológica. Desta forma, os indivíduos se desenvolvem intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio que os cercam, buscando aperfeiçoar e “amadurecer” as suas potencialidades. Podemos analisar essa afirmação na citação abaixo:

Então o desenvolvimento é, para ele, uma organização progressiva cujas raízes se encontram na vida orgânica e cuja evolução se dá por um processo de adaptação cada vez mais preciso á realidade. (CHIAROTTINO, 1972, p.12)

Para possuir um estudo bem elaborado e fundamentado, ele observou o desenvolvimento dos seus três filhos, sendo eles, Jacqueline, Luciene e Laurent, desde o

seu nascimento até a juventude, e também procurou estudar a formação intelectual, social e afetiva de outras crianças, dessa forma, ele não somente descreveu o processo de desenvolvimento da inteligência, mas, experimentalmente, comprovou as suas teses.

Para conseguir a explicação que buscava, Piaget observou o comportamento da criança e descobriu, subjacente a esse comportamento, estruturas que se constituíam numa verdadeira lógica das ações que, como vimos, se inicia no período sensorial motor para se cristalizar no período que chamou operatório. (CHIAROTTINO, 1972, p.78)

Para explicar o desenvolvimento humano, é possível identificar no seu projeto teórico cinco processos mentais em conformidade com a faixa etária da criança. Sendo eles: assimilação e acomodação, os quais quando elaborados simultaneamente, ocorrem à adaptação, a organização e a equilíbrio. (PIAGET, 1990). A adaptação, como o nome já acentua, é as estruturas mentais adaptar-se ao meio em que está inserido, reconstituindo-se para uma melhor sobrevivência, ou seja, o organismo vai adequar-se ao ambiente. Na organização, os processos mentais são constituídos de acordo com o meio, ou seja, é capacidade de adaptar as estruturas mentais as exigências do meio. E a equilíbrio, é o processo pelo qual o indivíduo passa após aprender um conhecimento. Primeiro a informação deve ser reconstruída pelo sujeito, modificando a estrutura para chegar então a um equilíbrio, que será novamente afetado quando um novo conhecimento surgir.

Uma das principais conclusões é que para conhecer o adulto, era necessário estudar a criança (Piaget, 1967). Assim, formulou a sua questão fundamental: “[...] como chega o ser humano a alcançar o conhecimento lógico matemático? Através de categorias a priori ou através de uma aprendizagem?” (CHIARROTINO,1972).

Uma conclusão geral impõe-se: o pensamento infantil só se torna lógico por meio da organização de sistema de operações, que obedecem as leis de conjuntos comuns. 1º composição: duas operações de um conjunto podem-se compor entre si e dar ainda uma operação de conjunto (Exemplo: $1+1=2$). 2º Reversibilidade: toda operação pódé ser invertida. (Exemplo: $+1$ inverte-se em -1). 3º A operação direta e seu inverso dão uma operação nula ou idêntica (Exemplo: $+1-1=0$). 4º As operações podem se associar entre si de todas as maneiras. Esta estrutura geral, que os matemáticos chamam “grupos”, caracteriza todos os sistemas de operações anteriormente

descritos, a menos que, nos campos lógicos ou qualificativos (seriação das relações, encaixamento das classes, etc.) as condições (3) e (4) apresentem certas particularidades devidas ao fato de que uma classe ou relação adicionada a ela mesma não se modifica. Pode-se então falar de “agrupamento”, noção ainda mais elementar e geral que a de grupo. É preciso, então, admitir que a passagem da intuição a lógica, ou as operações matemáticas se efetua no decorrer da segunda infância pela construção de agrupamentos e grupos. (PIAGET, 1967, p. 55 e 56)

Foi um epistemólogo cujo interesse surgiu devido à curiosidade em entender o pensamento lógico matemático, que é uma construção, e resulta da ação mental da criança sobre o mundo, é também construído a partir das ações sobre os objetos. Sendo assim, foi considerado por muitos críticos e estudiosos da mente humana como um dos mais importantes pensadores do século XX, pela sua capacidade em compreender, em analisar e em estudar a gênese do raciocínio lógico do sujeito. Para explicar o modelo das estruturas mentais, observava passo a passo o desenvolvimento do ser humano, desde o seu nascimento até a adolescência. Foi professor nos anos de 1929 a 1954 de Psicologia na Universidade de Genebra, e tornou-se mundialmente reconhecido pela sua revolução epistemológica. Em 1955, fundou em Genebra, um centro de altos estudos, para que pudesse elaborar uma pesquisa detalhada para entender o desenvolvimento...

[...] Nele, reúnem-se pesquisadores de todo o mundo que tratam dos mais diversos assuntos, desde os fatos aparentemente simples, como as primeiras palavras pronunciadas pelos bebês, até os complicados problemas teóricos de cibernética. Trata de uma instituição dedicada a assuntos interdisciplinares, estudando inclusive a teoria da informação, a formação dos raciocínios recorências, a teoria das ligações analíticas e sintéticas, a epistemologia do tempo e do espaço, a aprendizagem das estruturas lógicas e a teoria das probabilidades [...]. (MACEDO, 1978, p. VI).

Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica, porque buscou conhecimento em diferentes áreas, como na biologia, antropologia e psicologia. Por isso é considerado o fundador da epistemologia genética, que trata do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano. Ele acredita que o conhecimento acontece através da troca entre o meio em que o sujeito está inserido (PIAGET, 1978). Como ele mesmo define a...

[...] psicologia genética [é] o estudo do desenvolvimento das funções mentais, na medida em que esse desenvolvimento possa fornecer explicação ou, pelo menos, complemento de informação, quanto a seus mecanismos, no estado alcançado. (PIAGET, 1978, p.51)

Como se pode observar a problemática em Piaget é epistemológica, pois teve a preocupação com a gênese do conhecimento e com o seu avanço através de estágios em um processo de construção de estruturas lógicas, explicada por mecanismos internos e externos, por isso, esquemas cognitivos.

Denominada de psicogênese porque é a parte da Psicologia que se ocupa em estudar a origem e o desenvolvimento dos processos mentais, das funções psíquicas e das suas causas que podem provocar uma alteração no comportamento etc., podendo também ser definida como o estudo sobre as transformações dos conhecimentos. A teoria psicogenética piagetiana, especificamente, tem seu fundamento nos princípios construtivistas do indivíduo com o objeto de aprendizagem e utiliza a psicologia experimental como instrumento para compreender o processo de transição dos estados de conhecimento (PIAGET, 1975). O construtivismo, como a própria palavra já ressalta, é construção onde o indivíduo não é apenas o receptor do conhecimento, ele também elabora numa constante troca com o seu meio social. E era por isso que Piaget acreditava que o homem é capaz de construir o seu conhecimento.

Como foi abordado anteriormente, para explicar os processos mentais, Piaget formula dois conceitos fundantes: a assimilação e acomodação. O primeiro é quando há o predomínio da ação do sujeito sobre o objeto. Já na acomodação há o predomínio da ação do objeto sobre o sujeito (PIAGET, 2006). Para a comentadora brasileira, tais conceitos assim se definem:

Aqui, a assimilação consiste em uma incorporação dos objetos aos esquemas da ação de sujeito. Esses esquemas que podem ou não aplicar-se aos objetos, são passíveis de modificação. Essa modificação é o que Piaget chama de acomodação. (CHIARROTTINO, 1972, p.10).

Ele entende que a assimilação é o processo pelo qual o indivíduo cognitivamente capta o ambiente e o organiza possibilitando, assim, a ampliação de seus esquemas. Na assimilação o ser humano usa as estruturas que já possui e em seu início, a assimilação é

essencialmente a utilização do meio externo pelo indivíduo para alimentar seus esquemas hereditários adquiridos. A acomodação, por sua vez, é a modificação do esquema ou de uma estrutura em função das particularidades do objeto a ser assimilado. A acomodação pode ser de duas formas: criar um novo esquema no qual se possa encaixar o novo estímulo, ou modificar um já existente de modo que o estímulo possa ser incluído nele.

Em suas direções iniciais, a assimilação e a acomodação são, evidentemente, opostas entre si, uma vez que assimilação é conservadora e tende a submeter o meio ao organismo tal qual ele é, ao passo que acomodação é fonte de mudanças e sujeita o organismo as coações sucessivas do meio. Mas se, em seu princípio, essas duas funções são, assim, antagônicas, o papel da vida mental em geral e da inteligência em particular é, exatamente, coordená-las entre si. (PIAGET, 2006, p.359)

Para Piaget (1971), o desenvolvimento não é um estado e sim um processo que o indivíduo vai sofrendo modificações de acordo com o ambiente em que habita. O desenvolvimento intelectual é um processo auto-regulatório, ou seja, ele se reorganiza, readapta-se na medida em que o homem vai conhecendo, entendendo e explorando mais o seu meio através dos processos de assimilação e acomodação, sendo que eles são interna e, não externamente controlado. É possível apreender da teoria piagetiana que os estágios do desenvolvimento acontecem para todos os indivíduos na fase infantil, independente de sua cultura ou de sua sociedade. O seu trabalho foi elaborado através de uma minuciosa observação das suas próprias filhas e, mais tarde, de outras crianças acompanhadas desde o nascimento até a adolescência. Ao abordar o processo de construção do desenvolvimento, estabeleceu quatro estágios cognitivos, sendo eles: 1) sensorio-motor (0 a 2 anos); 2) pré-operatório (2 a 7 anos); 3) operatório-concreto (7 a 11 anos) e 4) operatório-formal (12 anos em diante). A partir da formulação da teoria psicogenética fundou-se a tese de que o desenvolvimento cognitivo do ser humano segue uma sequência fixa e universal, sendo relevante ressaltar que cada criança tem o seu tempo de aprender e depende do nível das trocas que o ser biológico realiza com o seu meio, portanto, significa dizer que as fases descritas acima se processam durante a infância sem, contudo, repetir-se no mesmo tempo e da mesma forma.

Cada período é caracterizado por comportamentos que refletem as estruturas cognitivas quantitativas superiores. Cada estágio do desenvolvimento ajuda a explicar o estágio seguinte. Para melhor compreendê-los passa-se a descrever abaixo:

Período sensório-motor (0 a 2 anos) – Neste estágio, o bebê se apropria dos reflexos neurológicos básicos para adaptar, organizar, assimilar e acomodar em suas estruturas mentais. Como afirma Piaget (1967) “é assim que, em presença de um novo objeto, ver-se-á o bebê incorporá-lo sucessivamente a cada um de seus esquemas de ação (agitar, esfregar ou balançar o objeto), como se tratasse de compreendê-lo através do uso”. Ou seja, ela explora o seu meio para conhecê-lo e nesse processo acontece à assimilação, onde a criança assimila para depois acomodar o conhecimento adquirido.

A inteligência aparece, com efeito, bem antes da linguagem, isto é, bem antes do pensamento interior que supõe o emprego de signos verbais (da linguagem interiorizada). Mas é uma inteligência totalmente prática, que se refere à manipulação dos objetos e que só utiliza, em lugar de palavras e conceitos, percepções e movimentos, organizados em “esquemas de ação”. Pegar uma vareta, para puxar um objeto distante, é assim um ato de inteligência (e mesmo bastante tardio: por volta de dezoito meses). Neste ato, um meio que é um verdadeiro instrumento, é coordenado a um objetivo previsto; no exemplo da vareta, é preciso compreender, antecipadamente, a relação entre ela e o objetivo para descobri-la como meio. (PIAGET, 1967, p. 18)

A existência de representações mentais, das suas percepções, possibilita o aparecimento da simbolização, quer dizer que a criança representa os objetos ou acontecimento fora do seu campo de percepção, por meio de símbolos e signos. Ao completar mais ou menos 1 ano e seis meses a criança torna-se capaz de fazer de conta, criar situações em que ela vive, brincando e imitando. Somente a partir do desenvolvimento da função simbólica é que se pode desenvolver a linguagem. Segundo Piaget (1967) esse estágio é decisivo para o desenvolvimento cognitivo.

O período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. Muitas vezes mal se suspeitou da importância desse período; e isto porque ele não é acompanhado de palavras que permitam seguir, passo a passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos, como mais tarde. Mas na verdade, é decisivo para todo curso da evolução psíquica: representa a conquista através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança. Ora, esta “assimilação sensório-motora”

do mundo exterior imediato realiza, em dezoito meses ou dois anos, toda uma revolução Copérnica em miniatura. Enquanto que, no ponto de partida desse desenvolvimento, o recém-nascido traz tudo para si ou, mais precisamente, para o seu corpo, no final, isto é, quando começam a linguagem e o pensamento, ele se coloca, praticamente, como um elemento ou um corpo entre outros, em um universo que construiu pouco a pouco, e que sente depois como exterior a si próprio. (PIAGET, 1967, p. 16)

Desta forma, pode-se perceber que o período sensório-motor é o conhecimento do universo em que está inserido, predomina mais a relação entre o sujeito e o objeto, o bebê começa a conhecer o seu espaço através da ação sobre os objetos. Ele acredita que o mundo, as pessoas e as coisas giram em torno de si mesmo, sendo assim, seu pensamento é egocêntrico. Para Piaget (1978), o egocentrismo na linguagem infantil implica a ausência da necessidade, por parte da criança, de explicar aquilo que diz, por ter certeza de estar sendo compreendida.

Período Pré-operatório (2 a 7 anos) – Esse estágio é o da representação, ou seja, a criança é capaz de pensar um objeto através de outro objeto. Caracteriza-se, principalmente, pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior. Nessa fase, como também no período sensório-motor, ela é egocêntrica, ou seja, acredita que todas as situações estão a sua volta, porém não com tanta intensidade como no período anterior. Não tem como uma criança ser objetiva, ela ainda possuindo características do egocentrismo, ou seja, ela precisa perceber que o mundo não gira em torno de si mesma.

[...] Por exemplo, sustentei que o pensamento da criança é egocêntrico, não no sentido de hipertrofia do eu, mas no de centralização do pensamento sobre o ponto de vista próprio. Portanto, para alcançar a objetividade, é necessário passar da indiferenciação inicial dos pontos de vista a uma diferenciação por descentralização. (PIAGET, 1967, p. 75)

É a chamada fase dos por quês, tudo que está acontecendo ela pergunta o porquê, a tudo que o adulto faz e a tudo que tem que fazer, se vai sair, se vai resolver algum problema, ela pergunta o porquê. Atribui de forma lúdica seus próprios sentimentos e pensamentos aos objetos, como quando dá vida a objetos ou torna os animais humano, fantasiando a realidade. Pois, embora a nível comportamental já se

mostre coerente e lógica, o nível intelectual está somente começando seu desenvolvimento. De acordo com Piaget (1967) nessa fase, “a criança ainda não sabe definir os conceitos e se limita a designar os objetos correspondentes ou a definir pelo uso”. Até os sete anos, ela permanece na pré-lógica e suplementa a lógica pelo mecanismo da intuição. Por exemplo, se pegarmos cinco cadernos grandes e dez pequenos, enfileirarmos de maneira que fiquem iguais e perguntamos ao garoto se alguma fileira possui mais que a outra, certamente ele vai responder que a quantidade é igual, ou seja, vai pela intuição e não pela lógica. Na afetividade, existem três novidades afetivas interindividuais, sendo elas; afeições, simpatias e antipatias. A simpática acontece quando há uma concordância de valores, ou seja, a menina gosta de passear e a outra colega também gosta, então há uma afeição porque as duas gostam das mesmas coisas. Na antipatia, ocorre justamente o contrário, eu gosto de brincar de boneca, mas ela não gosta. Já em relação aos pais, não há como explicar esse lado afetivo, pois segundo Piaget (1967) “a primeira moral da criança é a obediência e o primeiro critério do bem é durante muito tempo, para os pequenos, a vontade dos pais”. Uma característica muito relevante com a relação com a brincadeira é o brincar de fazer de conta, a criança passa a imitar as reações dos adultos, suas falas e etc.

Sua função consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos: a criança que brinca de boneca refaz a sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os, compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção. (PIAGET, 1967, p. 16)

A linguagem, nesse estágio se torna bem presente. O que se pode destacar é que por meio desta, ela se socializa, comunica com as outras pessoas e cria uma interação entre o meio que habita. A criança também entra no mundo da moralidade, em saber distinguir “o certo e o errado”.

Período operatório-concreto (7 a 11 anos) – A criança a partir deste período não confunde mais o seu ponto de vista com os dos outros, são capazes de defender suas ideias e justificar as suas ações. Conforme explica Piaget (1967) “As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procura de justificações ou provas para a afirmação própria”. Nessa fase, ela já desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, consegue

também interiorizar um pensamento lógico, mas ele está direcionado a objetos e acontecimentos concretos, assim, a acontecimentos visíveis e cotidianos. Com o domínio das noções de conservação e invariância, a partir dos 7 anos torna-se capaz de agrupar objetos em séries e classes, ou seja, ela é capaz de inferir mentalmente as regras que regulam as relações entre objetos, evidenciando a passagem para um pensamento totalmente conceitual.

É a etapa que se estende de 7-8 anos a 11-12 anos, é que é caracterizada por uma série de estruturas em vias de acabamento que podemos estudar de perto e analisar a sua forma. Elas se assemelham todas, no plano lógico, ao que chamei “agrupamento”, quer dizer que elas ainda não são “grupos” e também não são “redes” (são semi-redes, por falta de limites inferiores para umas ou limites superiores para outras): tais são as classificações, as seriações, as correspondências termo a termo, as correspondências simples ou seriais, as operações multiplicativas (matrizes) etc. Acrescento nesse ponto, no plano aritmético, os grupos aditivos e multiplicativos os números inteiros e fracionários. (PIAGET, 1978, p. 239-240)

Nesse período também são revertidas às ações, começando a entender que pode voltar a algo que errou. Por exemplo, se você perguntar a uma criança no pré-operatório, como ela faz pra chegar ao final da rua ela sabe, mas se ela percebe que está errada e você pergunta como faz, ela não sabe voltar. Torna-se reflexiva, ou seja, pensa antes de agir sobre as situações, abandona o pensamento egocêntrico intelectual e social raciocinando logicamente.

Período operatório-formal (12 anos em diante) – Nesse período a criança chega ao nível mais elevado de desenvolvimento. Podemos observar na citação abaixo:

Por volta de onze a doze anos efetua-se uma transformação fundamental no pensamento da criança, que marca o término das operações construídas durante a segunda infância; é a passagem do pensamento concreto para o “formal”, ou como se diz em termo bárbaro, mas claro, “hipotético-dedutivo”. (PIAGET, 1967, p. 62)

Esse é o período da formação de pensamento formal, ou seja, o hipotético-dedutivo, quando a criança já consegue resolver uma situação problema sem observar os fatos. Mesmo sem comprovar os acontecimentos, o pré-adolescente, já consegue imaginar a situação real sem presenciar a cena. Podemos entender na citação abaixo:

A inteligência formal marca, então, a libertação do pensamento e não é de admirar que este use e abuse, no começo, do poder imprevisto que lhe é conferido. Esta é uma das novidades essenciais que opõe a adolescência a infância: a livre atividade da reflexão espontânea. (PIAGET, 1967, p. 64)

O adolescente desenvolve mais acentuado o pensamento conceitual abstrato e crítico, de debater ideias, conversar, constrói também a sua autonomia, onde acredita que pela sua reflexão e seus valores ele possui um papel importantíssimo na sociedade. Pelos seus conhecimentos e também pela afetividade, o adolescente pretende inserir-se na sociedade por programas sociais, projetos beneficentes, crê que pode “salvar o mundo”, são revolucionários e os seus sentimentos são muito intensos.

Superadas as limitações cognitivas que as idades e fases iniciais do desenvolvimento impõem, o adulto poderá seguir sempre aprofundando seus conhecimentos.

Da mesma forma que Vygotsky, esse pensador atribui um papel considerável a linguagem na formação do ser humano. Segundo Piaget (1989) A linguagem comunica o pensamento, dessa forma, vai exprimir os sentimentos. Porém não resume-se apenas a esse fato, “a linguagem comunica ordens e desejos”, ou seja, através desta o sujeito vai relatar os seus questionamentos, situações, críticas e etc.

[...] se a função da linguagem fosse unicamente comunicar, seria difícil explicar o fenômeno do verbalismo. Como se explicaria que as palavras, restritas pelo uso a significados precisos, pois que destinados a serem compreendidos, chegam a disfarçar o pensamento, a criar a obscuridade por meio da multiplicação das entidades verbais, e até mesmo impedir que o pensamento se torne comunicável? Sem desejar repetir aqui as discussões sobre as relações entre a linguagem e o pensamento, observamos apenas que a própria existência de tais discussões confirma a complexidade das funções da linguagem e a impossibilidade de reduzir essas funções a uma função única, a de comunicar o pensamento. (PIAGET, 1989, p. 2)

Segundo Piaget (1978) antes de se tornar uma intenção real comunicativa é tida por ele como uma conduta da fala, ou seja, uma forma de linguagem (inata) e não simbólica no sentido de aprendizado cognitivo. Ele acredita que a inteligência é anterior a linguagem e independente dela, como podemos entender a seguir.

Entre a linguagem e o pensamento existe assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apoia, necessariamente, sobre o outro, em formação solidária e em perpétua ação recíproca. Mas todos dois dependem, no final das contas da inteligência, que é anterior a linguagem e independente dela. (PIAGET, 1967, p. 92)

Para este estudioso, a inteligência aparece muito antes da linguagem, logo nos primeiros meses de vida a criança já mostra que possui inteligência, por exemplo, se o seu pai esconder alguma bola atrás da coberta, ele procura, ou seja, levanta a coberta. sendo relevante afirmar que a inteligência é anterior a linguagem e independente dela.

Piaget classificou a linguagem infantil em dois grupos: egocêntrico e socializado. Na fala egocêntrica a criança não fala com a finalidade de ser ouvida, compreendida, ela fala para si mesma, não se coloca no lugar do outro. De acordo com Piaget (1989) esta é uma linguagem egocêntrica porque ela fala de si mesma e não se coloca no lugar do ouvinte e não possui a preocupação se o outro está entendendo o que comunica. Na fala socializada, esta é subsequente a anterior, é quando o indivíduo se comunica para ser entendido.

A linguagem e o pensamento progredirá a medida em que a criança entrar nos estágios do desenvolvimento. A linguagem possibilita à criança recordar um objeto ou acontecimento ausente na comunicação de conceitos, como é observado esta vem aparecer no período pré-operatório, o sujeito vai aprendendo a se relacionar com os outros, é um importante instrumento de comunicação. Piaget (1971), todavia, estabeleceu uma clara separação entre as informações que podem ser passadas por meio da linguagem e os processos que não parecem sofrer qualquer influência dela. Este é o caso das operações cognitivas que não podem ser trabalhadas por meio de treinamento específico feito com o auxílio da linguagem.

Com a linguagem, a criança descobre as riquezas insuspeita de um mundo de realidades superiores a ela; seus pais e os adultos que cercam lhe aparecem já como seres grandes e fortes, como fontes de atividades imprevistas e misteriosas. Mas agora esses mesmos seres revelam seus pensamentos e vontades, e este novo universo começa a se impor com sedução e prestígio incomparáveis. (PIAGET, 1967, p. 25)

Por intermédio da linguagem, há expressão dos sentimentos que carregamos dentro de nós. Com a linguagem, o pensamento acelera, desenvolve. E é a forma de

expor o que se pensa e assimilar pensamentos dos outros, acelerando ainda mais o processo de aprendizagem.

1.2 LEV SEMENOVITCH VYGOTSKY – VIDA E OBRA

Na mesma linha de pesquisa sobre o estudo do desenvolvimento intelectual, físico e afetivo apresenta-se a teoria do russo Lev Semenovitch Vygotsky para, mais tarde traçar a comparação entre ambos. O teórico russo afirma que o desenvolvimento humano acontece através da interação do sujeito com o contexto sociocultural, o homem é formado a partir da relação com os outros, enfatizando o papel da linguagem, dessa forma, vai sendo internalizado conhecimentos, papéis e funções sociais.

Lev Semenovitch Vygotsky nasceu 5 de novembro de 1896 em Orsha, no mesmo ano que Piaget, no Nordeste de Minsk, na Bielo-Rússia. Seus pais eram de uma família judaica culta e com boas condições econômicas. L'Vovich Vygotsky, seu pai, era um executivo do Banco Unido de Gomel, e alguns anos mais tarde, depois da Revolução de outubro de 1917, chegou a chefiar uma seção do banco Comercial de Moscou (Moll, 1996). Sua mãe era uma professora licenciada. Até os 15 anos foi educado em casa por tutores particulares. Em 1917, após graduar-se na Universidade de Moscou, com especialização em Literatura, começou sua pesquisa na área. De 1917 a 1923, Vygotsky lecionou as disciplinas de Literatura e de Psicologia numa escola em Gomel, onde dirigia também a seção de Teatro do Centro de Educação de Adultos, além de ministrar muitas palestras sobre os problemas da literatura e da ciência. Também criou um laboratório de Psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde realizava um curso de Psicologia, cujo conteúdo foi publicado mais tarde, na revista *Psicologia Pedagógica*, onde Vygotsky discute sobre a educação, preparando a formação do docente. Apesar de sua formação em Direito, destacou-se à época por suas críticas literárias e análises do significado histórico e psicológico das obras de Arte, trabalhos que posteriormente foram incorporados no livro "Psicologia da Arte", no ano de 1924 e 1926, onde escreveu que os sentimentos eram um campo obscuro. Casou-se e teve duas filhas (OLIVEIRA, 2008).

Em 1919, Vygotsky contraiu a tuberculose, mesmo assim continuou o seu trabalho. Entre 1925 e 1934 reuniu em torno de si um grande grupo de jovens cientistas, que trabalhavam nas áreas da psicologia e no estudo das anormalidades físicas e

mentais. Interessou-se pela psicologia, com o intuito de entender o desenvolvimento humano. Durante seus últimos meses, foi nomeado diretor da Seção Psicológica do Instituto Nacional de Medicina Experimental, mas a sua doença impediu de levar adiante seus planos de trabalho. Morreu de Tuberculose em 11 de Junho de 1934, com 37 anos de idade. (Moll, 1996).

Pensador importante por seus estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento mental, social e afetivo. Defendia que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e do ambiente cultural. Dedicou grande parte da sua vida ao estudo do desenvolvimento do ser humano, por isso o interesse pela psicologia e medicina. Como Piaget, ele também buscava compreender de que maneira ocorria o desenvolvimento humano, quais são os fatores que influenciam nesse processo e quais são os aspectos mais relevantes e que se destacam na formação do indivíduo. Segundo Cole e Scribner (1991), “o que Vygotsky procurou foi uma abordagem abrangente que possibilitasse a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores, em termos aceitáveis para as ciências naturais”. Em seu livro *Formação Social da Mente* (1998), percebe-se de maneira clara esse objetivo, pois ele vem discutir e explicar detalhadamente as funções psicológicas superiores.

Em seus estudos Vygotsky procurava entender de que forma acontecia o processo do desenvolvimento do ser humano, pretendia realizar uma abordagem que buscasse a síntese do homem como um ser biológico, histórico e social.

Segundo Vygotsky (1998), a criança é totalmente influenciada pelo seu ambiente sócio-cultural. Através dos costumes, hábitos, ideias e informações do seu meio social ela vai construindo sua personalidade. Acreditava que o desenvolvimento cognitivo era construído por meio das interações com as pessoas e com os instrumentos do mundo da criança, ou seja, que o ser humano é formado através do convívio com os outros, o aprendizado se dá a partir das interações. Como Vygotsky vê o desenvolvimento vai acontecendo através da mediação, tanto com as pessoas, como também pelo sócio-cultural, de acordo com MOLL (1996), se o indivíduo andar acompanhado de uma pessoa inteligente, ele também se tornará mais inteligente, porém se ele estiver acompanhado de uma pessoa menos inteligente, não evoluirá tanto. A interação é social, as crianças também aprendem na interação com os outros. Por exemplo, se a criança vive em um lugar onde as pessoas dialogam bastante, ela vai adquirir o hábito de

conversar muito conseqüentemente. Ou seja, ela vai sendo formada de acordo com a sociedade em que está inserida, sua forma de vida e seu desenvolvimento vai sendo mediado pelo ambiente social. É importante salientar que a preocupação deste estudioso não era a elaboração de uma teoria do desenvolvimento infantil, mas buscar compreender quais eram os fatores que influenciavam no seu processo de conhecimento, por acreditar que o sujeito é interativo, adquirindo conhecimento através de relações sociais e também da linguagem.

As origens das funções psicológicas superiores devem ser buscadas, assim, nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens: para Vygotsky o fundamento do funcionamento psicológico tipicamente humano é social e, portanto, histórico. Os elementos mediadores na relação entre o homem e o mundo – instrumentos, signos e todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural – são fornecidos pelas relações entre os homens [...] (OLIVEIRA, 2008, p.40)

Ele foi influenciado de maneira significativa pelos trabalhos de sociólogos, filósofos e antropólogos europeus ocidentais, como Espinosa, Hamlet, James, Freud, Marx, Engels. Através de estudos, observações e experimentos, analisava quais eram os fatores de maior relevância no desenvolvimento humano e também na aprendizagem do indivíduo. As funções psicológicas do indivíduo são desenvolvidas ao longo do tempo e mediadas pelo social, através de símbolos criados pela cultura. Outra forma importante ao ser destacada de interação é a linguagem, que é antes de tudo, social. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social (Vygotsky, 1998).

Como Piaget, Vygotsky também chamou a sua psicologia de genética, não no sentido de que o meio formará o indivíduo, como acredita Piaget, mas no sentido de evolução, tanto social como cultural. Pode-se observar abaixo:

Vygotsky também chamou sua psicologia de genética, no sentido evolutivo. Ao estudar os processos mentais, Vygotsky levava em consideração a evolução social e cultural, bem como o desenvolvimento ontogenético do indivíduo. Desde o nascimento as crianças interagem com os adultos, que as socializam em sua cultura: seu repertório de significados, sua linguagem, suas convenções e suas maneiras de fazer as coisas. (MOLL, pag.45, 1996)

Vygotsky (1988) afirma que o desenvolvimento do homem não pode ser compreendido apenas pelo estudo de um indivíduo, deve-se também considerar o

espaço onde o ser humano cresceu, como era o ambiente onde a criança viveu, como eram seus pais, seus familiares, sua cultura. O meio social em que o sujeito se encontra é elementar para entender suas opiniões, receios e conhecimentos.

Outra forma importante da interação é a própria linguagem que, segundo consta, é, antes de tudo, social e cultural. Portanto, podemos afirmar que a sua função inicial é a comunicação, expressão e compreensão como pode-se ver na citação:

É igualmente importante reconhecer o papel central que a linguagem tem na aprendizagem humana. A linguagem torna possível compartilhar experiências, ligar nossa mente e produzir uma inteligência social muito superior a individual. Nós aprendemos de várias experiências exitosas, compartilhadas por meio da linguagem. A linguagem, oral e escrita, nunca pode ser simplesmente um assunto da escola. (MOLL, pag.227, 1996)

A linguagem é um dos meios de comunicação mais importantes para a interação social, é uma maneira de expressar o que pensa, sente e necessita. Nos permite viver em sociedade, compartilhar experiências, manifestando os sentimentos. Segundo Vygotsky (1998) é uma das características básicas que diferem o homem do animal.

Para Vygotsky (1998) um fator que é essencial no crescimento do ser humano é a linguagem. Esta forma de comunicação tem um papel muito importante na formação do indivíduo, pois é através dela que a criança busca meios de resolver conflitos e se relacionar com as pessoas no ambiente em que está inserida. Ela é um instrumento de mediação entre as pessoas, segundo esse autor, é uma das principais características que diferem o homem dos animais. Pode-se perceber em relação à importância da linguagem na interação social devido às adaptações que os indivíduos fazem para se comunicar. Logo que as crianças começam a falar ela procura se aperfeiçoar no diálogo através da interação, podemos compreender na citação abaixo...

Isto nos leva a outro fato inquestionável e de grande importância: o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sócio-cultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstraram, é uma função direta da sua fala socializada. O crescimento intelectual da criança depende

de seus domínios dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. (VYGOTSKY, 2008, p.63)

Por meio da linguagem o homem se interage com os outros, pois ao aprendermos a linguagem específica do nosso meio sócio-cultural adquirimos os hábitos, a forma de vida, ou seja, o uso da linguagem torna nossa inserção na sociedade mais fácil. Através da fala e da ação a criança busca formas de solucionar o problema em questão. Segundo Luria (1994) “A fala envolve os elementos referenciais, a conversação orientada pelo objeto, as expressões emocionais e outros tipos de fala social”. A criança por estar cercada pelos parentes mais velhos começa a adquirir traços demonstrativos, que faz com que a indique o que está realizando e também o que está necessitando e sentindo. Ou seja, por intermédio da fala a criança começa a adquirir autonomia. Vygotsky (2008) Dividiu a linguagem infantil entre a fala egocêntrica e a fala interior. A primeira diz respeito a muitas vezes também a criança quando quer realizar alguma ação ou se está muito ansiosa e preocupada, ela vai dialogando com ela mesma o que irá fazer. Por exemplo, se a criança quer ir para casa, mas no momento ela sabe que não pode, então fica repetindo continuamente: ao sair daqui eu vou para casa. conseqüentemente, isso é uma forma de mostrar que o problema será resolvido e para ficar mais tranquila, ela necessita ficar repetindo. A citação abaixo vem mostrar essa análise.

Resumindo o que foi dito até aqui nesta seção: a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais. (VYGOTSKY, 1991, p. 31)

Para Vygotsky, a fala egocêntrica evolui e se transforma em fala interior, uma vez que a fala interior, a fala para si mesmo, não encontra expressão na fala exterior. Ou seja, a fala interior indica que a criança adquiriu uma nova capacidade: a de pensar as palavras ao invés de pronunciá-las.

Tem a sua teoria vinculada à ideia de zonas de desenvolvimento, que para ele, pode ser associado com o aprendizado, foi uma maneira mais simples em explicar como acontece o aprendizado, como podemos observar na citação abaixo:

O conceito de zona é usualmente apresentado em vinculação com as preocupações de Vygotsky com o aprendizado, com o teste psicológico, ou, ainda, como parte de uma discussão mais ampla da relação entre aprendizagem e desenvolvimento. (MOLL, 1996, p.5)

Sendo essas zonas a do desenvolvimento real e a do desenvolvimento proximal. Todo ser humano possui uma zona de desenvolvimento real, que são os conceitos que já sabemos e dominamos e por isso não precisamos do auxílio de outra pessoa. Já a zona de desenvolvimento proximal, são os conceitos novos que só é dominado com a ajuda de alguém. Para Vygotsky, o que é zona de desenvolvimento proximal hoje torna-se desenvolvimento real amanhã, ou seja, o que a criança é capaz de realizar com a ajuda de um adulto atualmente, posteriormente será capaz de fazer sozinha.

O aprendizado é considerado um processo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento. Todo processo de aprendizado se dá coletivamente. De acordo com Vygotsky (1998) a criança aprende muito antes de ingressar na escola, elas já trazem conceitos formados antes de começarem a estudar. Por exemplo, antes das crianças ouvirem falar sobre as formas geométricas elas já têm contato antes com as figuras, até mesmo com os brinquedos que possuem ou que veem. A bola é redonda, o carro pode ter forma retangular, ou de um quadrado, seu berço ou sua cama tem forma de um retângulo e etc. Partindo desse pressuposto, observa-se claramente que a criança já traz muitos conhecimentos e a escola vem aperfeiçoar e acrescentar novas ideias nesse entendimento. E no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal e a Zona de Desenvolvimento Real pode-se comprovar esta ideia. Pode-se observar na citação que se segue:

A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VYGOTSKY, 1991, p. 97)

A zona de desenvolvimento proximal hoje torna-se a zona de desenvolvimento real amanhã. De acordo com Vygotsky (1998), esse método é de extrema importância no desenvolvimento, pois não é somente analisado os conhecimentos que a criança já adquiriu, mas é observado também os conceitos que estão sendo formados. Outro ponto importante nesse conceito é o papel da imitação no aprendizado, porque era discutido na psicologia clássica que o que a criança realizava só é indicativa do seu desenvolvimento mental. O que a criança não consegue ainda resolver sozinha deve ser estimulado, os pais, professores, devem acompanhar esse processo, porque como já foi exposto, o que ela ainda não consegue realizar hoje sozinha, amanhã fará com competência e determinação, só depende de quem acompanha, por isso que essa teoria é tão determinante e discutida no aprendizado.

Amadurecer ou desenvolver funções mentais é algo que deve ser encorajado e medido pela colaboração, e não por atividades independentes ou isoladas. O que as crianças podem hoje realizar com assistência, ou em colaboração – enfatizava – poderão amanhã realizar com independência e competência. (MOLL, pag.5, 1996)

Para Vygotsky (1998) a imitação não é a cópia de um modelo, mas reconstrução individual daquilo que é observado nos outros, ou seja, a criança vai criar algo de acordo com o que ela observa. E a partir desse debate da zona de desenvolvimento é analisado que uma pessoa só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento.

1.3 – DIVERGÊNCIAS QUE GERARAM SEMELHANÇAS

Ao relacionar esse dois teóricos perguntar-se se nas suas ideias centrais, tais como a assimilação e acomodação, estágios do desenvolvimento, zonas de desenvolvimento e linguagem, se é possível estabelecer relações de semelhanças e diferenças, pois, embora ambos tratem da questão da cognição humana partem de pressupostos diferentes e, por conseguinte, fazem caminhos diferentes.

Observando que Piaget acredita que o processo de desenvolvimento acontece através do seu meio ambiente, onde o indivíduo vai organizando as suas estruturas mentais na troca entre sujeito e meio, pode-se concluir que o espaço e tempo deste sujeito não é tomado apenas nos aspectos sociais e culturais. Na verdade é quase supor a vida mais em seu aspecto biológico. Por outro lado, Vygotsky identifica que o

desenvolvimento acontece através das relações sociais, numa perspectiva interacionista, sendo mediada pela linguagem que, para ele é uma ferramenta cultural através da qual todos os seres humanos são inseridos na comunidade social e, assim adquire e compartilha conhecimentos. A linguagem é central, pois a expressão, o modo de ver -se, o desenho, a brincadeira. A comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social, onde as pessoas podem se comunicar, interagir entre si, assim sendo é uma das mais importantes interações sociais (Vygotsky, 1998).

O que se pode destacar, é que os dois acreditam que o processo de desenvolvimento acontece através da troca, o primeiro é da troca do sujeito com o meio ambiente e o segundo, através da interação com os outros e com a cultura, da troca de conhecimentos.

Tanto Piaget quanto Vygotsky valorizam a interação do indivíduo com o conhecimento social e o concebem como sujeito que atua no processo de seu próprio desenvolvimento, atribuem grande importância à atividade do indivíduo na elaboração de significados do mundo que o rodeia.

Os dois mantêm semelhanças muito importantes que merecem destaque. A primeira é que nasceram em períodos próximos, marcado por debates acadêmicos cuja tônica era a crença de que o homem era uma tábula rasa e, assim, a sociedade que o formava e o moldava. Porém, os dois se opõem a essa premissa, acreditam que o sujeito constrói o conhecimento na medida em que entra em contato com o mundo. Portanto, pode-se dizer que a partir das suas teorias se conclui que não é só a escola, que introduz o conhecimento na criança, ela é capaz de se desenvolver, sendo assim, a escola vai mediar o processo de ensino-aprendizagem, será como o que Piaget discute sobre zona de desenvolvimento proximal, onde a instituição escolar vai amadurecer o que a criança já aprendeu.

Por outro lado, há algumas diferenças possíveis de serem traçadas sucintamente no final deste capítulo. Em Piaget a maturação biológica é a condição inevitável para a aprendizagem, por isso criou os conceitos de assimilação e acomodação, onde a criança assimilava o conhecimento e logo em seguida o acomodava em suas estruturas mentais. Portanto, o genebrino atribui à natureza biológica do homem a explicação dos processos cognitivos e linguísticos, ou seja, o ser humano vai se adaptar e reorganizar as estruturas

mentais, conforme sua condição natural de ser biológico, de acordo com o meio em que vive para assim agir em sociedade.

Já Vygotsky sustentava a ideia de que o processo evolutivo era tradicionalizado pelo processo de aprendizagem, ou seja, através da cultura o homem vai sendo formado, através dos costumes, ações, o indivíduo é antes de tudo, social, sendo assim, não é coerente aceitar uma visão única, universal, de desenvolvimento humano.

Neste aspecto linguagem tem um sentido muito amplo, não diz respeito só a fala ou a escrita de uma língua, mas a todas formas de expressão verbal e não verbal, o modo de vestir-se, o desenho, a brincadeira. Para este estudioso, a linguagem tem a função de organizar o pensamento, dessa forma, a comunicação é uma espécie de função básica porque permite a interação social, onde as pessoas podem se comunicar, interagir entre si, assim sendo é uma das mais importantes interações sociais (Vygotsky, 1998). Contudo, para Piaget (1978) a linguagem é a comunicação, porém não é central na formação do raciocínio lógico matemático. O pensamento aparece antes da linguagem à formação deste depende, basicamente, da coordenação dos esquemas sensorio-motores e não da linguagem como acredita Vygotsky.

Já Vygotsky, ao menos nas obras estudadas, não sistematiza o tema do aspecto biológico do sujeito. Tão somente sustentava a ideia de que o processo evolutivo era tracionado pelo processo de aprendizagem, ou seja, através de sua inserção na cultura ocorre o processo de formação, na medida em que absorve os costumes, as ações, o comportamento enfim, em uma palavra, a cultura.

Outro ponto a ser destacado das diferenças é em relação à fala egocêntrica que para Piaget é uma linguagem centrada em si mesma, ou seja, a criança não fala para ser ouvida. Porém, para Vygotsky é quando a criança quer resolver alguma situação, ela fala com o objetivo de resolver internamente e, assim, cria o pensamento para si. Oliveira (2008, p.) ressalta que esse é um dos pontos de maior divergência entre eles:

É interessante mencionar que a questão da fala egocêntrica é o ponto mais explícito de divergência entre Vygotsky e Piaget. Para Piaget a função da fala egocêntrica é exatamente oposta àquela proposta por Vygotsky: ela seria uma transição entre estados mentais individuais não-verbais, de um lado, e o discurso socializado e o pensamento

lógico, de outro. Piaget postula uma trajetória “de dentro para fora”, enquanto Vygotsky considera que o percurso é “de fora para dentro” do indivíduo. O discurso egocêntrico é, portanto, tomado como transição entre processos diferentes para cada um desses teóricos. (OLIVEIRA, 2008, p.53)

Em Piaget a aprendizagem depende do estágio de desenvolvimento (períodos) atingido pelo sujeito, de acordo com a sua idade, o seu aprendizado vai sendo modificado. Porém, em Vygotsky o indivíduo aprende de acordo com o seu meio sócio – cultural, criando dessa forma, o conceito de zona de desenvolvimento proximal, em que o sujeito vai amadurecer tudo o que foi aprendido. Desta forma, o conhecimento vai proceder do social para o individual, ao longo do desenvolvimento. O sujeito não é apenas ativo, é antes de tudo interativo (VYGOTSKY, 1988) .

No primeiro autor discutido o pensamento aparece antes da linguagem, sendo uma maneira de se expressar e, deste modo, a formação do pensamento depende basicamente da coordenação dos esquemas e não da linguagem. Para o segundo, a linguagem organiza o pensamento, adquirindo uma função central no desenvolvimento cognitivo.

Diante de toda a discussão, pode-se resumir a diferença entre eles: na perspectiva de Piaget o desenvolvimento basicamente se dá através da troca entre sujeito cognoscente e seu meio. Ele não se preocupa em dizer se este meio comporta significados sociais e culturais, simplesmente é o **meio**¹, demonstrando claramente as influências biológicas de sua formação.

Já em Vygotsky a mediação entre sujeito cognoscente e o conhecimento só pode ser realizado através da relação social e, deste modo, todas as suas teorias e decorrentes discussões são vinculadas sob essa perspectiva. Para ele, o indivíduo é antes de tudo, social, sendo assim, não é coerente aceitar uma visão única, universal, de desenvolvimento humano.

Dessa forma, podemos observar que mesmo estes autores possuindo diferenças acentuadas em relação ao desenvolvimento e ao aprendizado, percebe-se que os dois valorizam a interação, podendo ser tanto do meio ou da cultura, pois estas são

¹ Grifos nossos.

ferramentas indispensáveis para a evolução do ser humano. E, tanto Piaget quanto Vygotsky, enfatizam a autoria que o sujeito tem no seu próprio desenvolvimento, pois o homem não é um ser que apenas vive na sociedade, ele atua, recria, conhece e transforma seu meio.

2. A CONCEPÇÃO DE BRINQUEDO E BRINCADEIRA EM PIAGET E VYGOTSKY

No capítulo anterior foi discutido a vida e a obra de Piaget e Vygotsky, seus conceitos, objetivos e ideias principais. Ao final foi feita uma relação entre eles, destacando as suas principais semelhanças e diferenças. Já no presente capítulo será abordado a importância da brincadeira para os teóricos Jean Piaget e Lev Semenovitch Vygotsky, que atribuem muita importância a este ato infantil ao longo da aprendizagem, destacando o que essa atividade lúdica proporciona a criança e como interfere em seu desenvolvimento psicológico, afetivo e motor. Ambos defendem que a brincadeira faz parte da criança como a criança faz parte da brincadeira.

A brincadeira é uma atividade lúdica que se apresenta de forma mais acentuada na infância, logo nos primeiros meses de vida já se inicia nos bebês. Na maioria das vezes, a brincadeira é uma atividade livre que vai sendo imaginada e desenvolvida pela criança. A partir do momento em que brinca a criança vai desenvolvendo habilidades, se movimentando, interagindo tanto com as pessoas que a cerca como também com os objetos que a rodeiam e conhecendo seu ambiente físico e sócio cultural, criando situações, vivendo sua fantasia, exercitando sua autonomia. Por meio dessa atividade ela vai imaginando, adaptando a brincadeira de acordo com a realidade em que vive, expondo os seus sentimentos, seus desejos, seus anseios e também suas vontades. “A brincadeira simbólica dá também a criança a maravilhosa possibilidade de ir até a fantasia, vivê-la intensamente e poder voltar à realidade sem se perder pelo caminho ou se fixar na situação imaginada” (OLIVEIRA, p. 55).

2.1 – Brincadeiras e jogos na concepção psicogenética de Jean Piaget

Nas obras estudadas de Piaget que foram citadas na introdução (1975, 1971, 1978, 1990) e nas obras que foram feitas leituras complementares (1967, 1971, 1989, 2006) e de seus comentadores (CHIAROTINO 1974; KISHIMOTO, 2008; OLIVEIRA, 1992; LA TAILLE, 2012 e MACEDO, 1978) há poucas passagens sobre o ato de brincar, no entanto, é na atividade de jogar que Piaget mais se concentra, pois para ele na origem do jogo está na imitação. O que significa reproduzir aquilo que ela ouviu ou

viu, deste modo afirma que “A capacidade de imitar tem sua gênese no começo da vida. Nos quatro primeiros meses, ela é primitiva, essencialmente ‘desencadeada’: a criança ouve um choro e também chora, numa espécie de contágio” (PIAGET, 1975.)

Em suas pesquisas, o biólogo mostra que a imitação passa por várias etapas até que, com o passar do tempo, a criança é capaz de representar um objeto na sua ausência. No momento da brincadeira a assimilação prevalece sobre a acomodação, quando a criança brinca pelo contentamento e não pelo aprendizado que há nessa atividade. Ao brincar a criança preocupa-se somente com a sua diversão, então incorpora novas experiências, assimilando-as e nem sempre acomodando-as. Pode-se verificar na citação que segue:

De acordo com Piaget, a assimilação é o processo de incorporação de novas experiências ou informações que chegam à criança. Já a acomodação é o processo de modificação de suas ideias ou estratégias em função de uma nova experiência. Ao brincar a assimilação vem prevalece sobre a acomodação. “o brincar se dá quando ao interagir com o meio predominam os esquemas de assimilação sobre os de acomodação, isto é, quando predomina o prazer sobre o esforço de se transformar para se acomodar (OLIVEIRA, 1992, p.40).

A brincadeira pode ser também, muitas vezes uma imitação de alguma situação vivenciada pela criança. Por exemplo: se ela brincar de mãe e filha, ela vai agir de acordo com a atitude da mãe, se a mãe é carinhosa, ela também demonstrará carinho, porém se a mãe briga muito, ela conseqüentemente irá brigar também. Sendo assim, observa-se que a criança expressará através dessa atividade lúdica o que vive cotidianamente.

O jogo aparece bem antes da linguagem, logo no período sensório-motor conforme descreve Piaget (1967). Para evidenciar esta afirmação o genebrino atribui nomes aos jogos descrevendo as estruturas básicas dos jogos infantis, que aparecem de diversas formas de acordo com o período em que o sujeito se encontra. Por exemplo, na criança de um ano a dois anos é mais característico o jogo de exercício, em que o indivíduo brinca chacoalhando alguma coisa, mexendo as mãos e etc. já em uma criança de três a quatro anos é mais característico o jogo simbólico, em que ela pega uma bacia e afirma que é uma piscina. Deste modo, continua afirmando que o jogo vem

acompanhado a aprendizagem, na medida em que estimula a atenção da criança, desperta curiosidade e faz imaginar situações. Pode-se analisar na citação abaixo:

Sabe-se que o jogo constitui a forma de atividade inicial de quase toda tendência, ou pelo menos um exercício funcional desta tendência que o ativa ao lado da aprendizagem propriamente dita, e que, agindo sobre este, o reforça. Observa-se então, bem antes da linguagem, um jogo de funções senso-motoras que é um jogo de puro exercício, sem intervenção do pensamento nem da vida social, pois só ativa movimentos e percepções. No nível da vida coletiva (de sete a doze anos), ao contrário, vê-se constituir nas crianças jogos caracterizados por certas obrigações comuns, isto é, as regras do jogo. Entre duas crianças, aparece uma forma diferente de jogo, muita característica da primeira infância e que sofre intervenção do pensamento, mas um pensamento individual quase puro com um minimum de elementos coletivos: é o jogo simbólico ou jogo da imaginação e imitação. Os exemplos são abundantes: jogo de boneca, brincar de comidinha. É fácil dar-se conta que estes jogos simbólicos constituem uma atividade real do pensamento, embora essencialmente egocêntrica, ou melhor, duplamente egocêntrica. (PIAGET, 1967, p. 29)

O jogo sempre está presente na vida da criança, mesmo ela estando alegre, triste, pensativa ela sempre joga, de maneira diferente nos diversos períodos cognitivos, mas está sempre brincando.

Na teoria psicogenética há também a divisão do período sensório-motor em seis fases, a primeira vai desde o nascimento até um mês e meio de vida, a segunda segue de um mês e meio até quatro meses, a terceira vai de quatro a oito meses, a quarta vai aproximadamente de oito a doze meses, a quinta ocorre entre doze a dezoito meses e a sexta e última vai de 18 a 24 meses. Na primeira fase, os gestos feitos pelos bebês como, por exemplo, os movimentos da mão e da cabeça acompanhado de sorrisos e alegrias, balançar os braços e as pernas podem ser denominados como jogo de exercício. Durante a terceira fase, a ação sobre as coisas, exemplo, quando a criança mexe nos objetos, agita os brinquedos sonoros, balança novos objetos essa atividade transforma-se certamente em jogo, onde esse objeto começa a ser compreendido pela criança. Já na quarta fase, a criança se diverte ao combinar gesto para repetí-los e com eles realizar um jogo de combinações motores. Por exemplo, a criança chega perto da mãe e encosta a sua cabeça na da sua mãe, em seguida repete a mesma atividade, porém se distancia mais, dificultando a ação, repetindo assim a atividade. Na sexta e última

fase, o símbolo lúdico desliga-se do ritual, sob a forma de esquemas simbólicos (PIAGET, 1975).

Ele discute sobre três tipos de estruturas que caracterizam os jogos infantis, sendo eles; jogo de exercício, de símbolo e de regra.

Procurando destrinçar o que resulta da discussão precedente, deparamo-nos, pois, com três grandes tipos de estruturas que caracterizam os jogos infantis e dominam a classificação de detalhe: o exercício, o símbolo e a regra, constituindo os jogos de “construção” a transição entre os três e as condutas adaptadas. (PIAGET, 1975, p.144)

Os jogos de exercício são gestos realizados pelo simples prazer, sendo seu foco o contentamento em brincar, estes exercícios consistem em repetição de gestos e movimentos simples como agitar os braços, sacudir objetos, emitir sons, caminhar, pular, correr, etc., por exemplo, quando a criança joga uma bola e pega, joga de novo e assim sucessivamente, só pelo prazer mesmo de brincar, fica evidente a predominância da assimilação sobre a acomodação. Na criança esse tipo de jogo é o primeiro surgir do desenvolvimento infantil, nos primeiros meses de infância. Como se pode observar na citação abaixo:

Certos jogos não supõem qualquer técnica particular: simples exercícios põem em ação um conjunto variado de condutas, mas sem modificar as respectivas estruturas, tal como se apresentam no estado de adaptação atual. Logo, somente a função diferencia esses jogos, que exercitam tais estruturas, por assim dizer, em vazio, sem outra finalidade que não o próprio prazer de funcionamento. (PIAGET, 1971 p.144)

O jogo simbólico, onde o lúdico começa a ser representado por algum objeto, por exemplo, a criança pega um cabo de vassoura e diz que é um cavalo, ou pega uma bacia de plástico e diz que é uma piscina. As funções do jogo simbólico é o que mais o diferencia dos jogos de exercício, a realização dos desejos e o prazer de viver a realidade. O símbolo lúdico se transforma em representação adaptada, por exemplo, uma caixa de papelão vira uma casa, um carro e etc. aproximadamente dos quatro aos sete anos, esse jogo vai diminuindo à medida que vai se aproximando do real, sendo mais frequente o jogo de regras. O jogo simbólico é o pensamento egocêntrico em estado puro, levando em consideração que esse jogo aparece ao final do período

sensorio-motor e no início do período das operações concretas. Nas linhas abaixo pode-se verificar o jogo simbólico na perspectiva de Piaget.

Somente, se o jogo simbólico não é assim mais que uma forma do pensamento, ligada a todas as outras por seu mecanismo, mas tendendo simplesmente a satisfação do eu, isto é, a uma verdade individual, em oposição à verdade impessoal e coletiva, resta compreender por que o emprego do símbolo, por oposição ao conceito verbal, chega à ficção e não a crença. (PIAGET, 1975, p.214)

O pensamento simbólico acontece porque a criança acredita em sua imaginação, no que ela quer. Ao pegar uma vasilha e afirmar que é uma piscina, ela não pergunta a adultos o que acham de sua compreensão, para ela aquela bacia se trata de uma piscina, o que é relevante é a satisfação de si mesma, em brincar. Outra característica importante é a presença da realidade, ou a sua ausência da mesma, ou seja, há uma espécie de manifestação dos seus sentimentos, seus desejos, que até a própria criança ignora ou não sabe. Ao ver uma criança brincando de casinha (a realidade presente), ela uniu um boneco com uma boneca e afirmou que eles eram casados (ausência de realidade). Quando foi perguntado o porquê dessa afirmação, ela apenas respondeu que os seus pais estão separados². Deste modo, ela resolve o seu conflito real através do faz-de-conta.

E o último é o jogo de regras, aproximadamente dos 4 aos 7 anos, onde a regra supõe relações sociais ou interindividuais. Como o próprio nome já ressalta, é o jogo que possui uma regra, como no caso de brincar de bola de gude, esconde-esconde, pega-pega e etc. São transmitidos socialmente de criança para criança e por consequência vão aumentando de importância de acordo com o progresso de seu desenvolvimento social, sendo muito presente em adultos também. Esse jogo subsiste e desenvolve-se durante toda a vida. “A razão dessa dupla situação, aparecimento tardio e sobrevivência além da infância, é muito simples: o jogo de regras é a atividade lúdica do ser socializado”. (PIAGET, 1971)

Somente os jogos de regras escapam essa lei da involução e desenvolvem-se (em número relativo e mesmo absoluto) com a idade. São quase os únicos que subsistem no adulto. Ora, estando esses jogos socializados e disciplinados, precisamente em virtude da regra, poder-se-á indagar se não serão as mesmas causas que explicam,

² Esta situação foi vivenciada durante um período de estágio, em uma escola da rede municipal.

simultaneamente, tanto o declínio do jogo infantil nas suas formas específicas de exercício e, depois, principalmente, de símbolo fictício, como o desenvolvimento dos jogos de regras, na medida em que são essencialmente sociais [...] (PIAGET, 1975, p.187)

A brincadeira em si estimula a mente, o corpo, os sentidos da criança e ajuda também no relacionamento e na convivência com outras crianças, pois há muitas atividades lúdicas que necessitam que haja uma interação, como por exemplo, a brincadeira de roda, amarelinha, entre outras. Dessa forma, a criança vai aprendendo a viver no meio das outras pessoas, a lidar com as diferenças, respeitar opiniões, exercer sua autonomia, ela vai se descobrindo como sujeito ativo da sociedade. A brincadeira é fundamental nessa fase de crescimento, e faz com que as crianças busquem o seu espaço para se divertir e conhecer novas companhias. Brincando a criança desenvolve várias potencialidades; ela compara, analisa, nomeia, mede, associa, calcula, classifica, compõe, conceitua e cria. O brinquedo e a brincadeira traduzem o mundo para a realidade infantil, possibilitando a criança a desenvolver a sua inteligência, sua sensibilidade, habilidades e criatividade, além de aprender a socializar-se. Kishimoto (2008) destaca esta importância simbólica do brinquedo e o fato de ele colocar a criança na presença de reproduções de tudo que existe no cotidiano, na natureza, nas construções humanas e na realidade social.

Por exemplo, se a criança jogar uma bola, ela vai alcançar níveis através de sua motivação, concentração e, sobretudo a inteligência, assim sendo, terá que raciocinar para saber como agir, ter capacidade de decidir e autonomia.

Na infância desfruta-se de uma grande liberdade nas brincadeiras. Muitos limites sempre foram estabelecidos tanto na escola como em casa, limites e princípios que permanecem até hoje e ao brincar você é livre para criar o mundo que rodeia. Com a utilização de simples objetos as crianças podem criar com grande facilidade uma história simbolicamente. Os objetos não têm um papel considerável à compreensão da notação simbólica, o que importa é que os objetos admitam o gesto apropriado e possam funcionar como um ponto de aplicação dele.

Na discussão da atividade do brincar, Piaget comenta mais sobre o jogo, observamos que os jogos geralmente são assemelhados a brincadeira, porém estas são atividades distintas. De acordo com Kishimoto (2008) jogos e brincadeiras são

dessemelhantes, o jogo utiliza regras, já o brinquedo e brincadeira representa uma certa realidade.

Duplicando diversos tipos de realidade presentes, o brinquedo metamorfoseia e fotografa a realidade. Não reproduz apenas os objetos, mas uma totalidade social. Hoje os brinquedos reproduzem o mundo técnico e científico e o modo de vida atual, com aparelhos eletrodomésticos, naves espaciais, bonecos e robôs. A imagem representada não é uma cópia idêntica da realidade existente, uma vês que os brinquedos incorporam características como tamanho, formas delicadas e simples, estilizadas ou, ainda, antropomórficas, relacionadas à idade e gênero do público ao qual é destinado. (KISHIMOTO, 2008, p.18)

2.2 - A brincadeira na teoria sócio-interacionista de Vygotsky

Abordando esses aspectos essenciais, não poderia deixar de falar sobre o papel da brincadeira no crescimento infantil. Para Vygotsky (1991), a brincadeira é uma maneira de a criança despertar sua imaginação. Durante a realização dessa atividade lúdica a criança pode tornar-se o que quiser, vive da maneira que gostaria e pode também assumir diferentes papéis. Ele vê a brincadeira como criadora de uma “zona de desenvolvimento proximal”, que é um caminho que o educando percorre para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e serão mais aprofundadas em um nível de desenvolvimento real. Isso ocorre, já que no brinquedo, a criança age como se fosse mais velha do que realmente é. A criança no momento em que brinca é autora de sua própria história.

Assim, o brinquedo cria uma zona desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo, a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p.117)

Segundo Vygotsky, através da brincadeira, dos jogos e dos brinquedos a criança vai desenvolvendo capacidades importantes como a atenção, a memória, a imitação, e

como já foi bastante exposto, a imaginação. Exploram e refletem sobre a realidade e a cultura na qual estão inseridas, interiorizando-as e, ao mesmo tempo, questionando as regras e papéis sociais. O brincar potencia o desenvolvimento, já que assim aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a conviver e, sobretudo, aprende a ser. Por exemplo, se o sujeito vive em um lugar onde as pessoas cumprimentam-se sempre, elas vão brincar sempre cumprimentando os outros. Para além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporciona também o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

Na concepção sócio-histórica de Vygotsky (1998), a brincadeira, o jogo, os exercícios lúdicos são uma atividades específicas e características da infância, em que a criança recria a realidade, ou seja, é uma atividade social, com contexto cultural e interativo.

Tanto Vygotsky (1988) como também Piaget (1975) comentaram que o jogo, o brinquedo e a brincadeira podem contribuir positivamente na aprendizagem da criança. No jogo as crianças exercitam a imaginação, como também exploram os papéis dos adultos nas experiências comuns do dia a dia. Vygotsky afirma que o jogo é um mediador da aprendizagem, pode-se perceber na citação:

Como Vygotsky sugere, o jogo por si só, medeia a aprendizagem das crianças. Justamente por estarem “apenas” brincando, elas se sentem livres para se arriscarem a fazer coisas mesmo quando não estão confiantes de que possam fazê-las bem. No jogo social, as crianças realizam trocas entre si, mediando a aprendizagem uma das outras. Elas aprendem a entender os significados do mundo enquanto brincam com suas representações. Elas constroem conceitos da matemática e da ciência, tanto quanto da linguagem, incluindo a alfabetização. Acreditamos que os conceitos que se iniciam no jogo não apenas são a base dos conceitos científicos, mas, eventualmente, tornam-se parte destes conceitos. (MOLL, pag.224, 1996)

Segundo Vygotsky (1998) o brinquedo não é uma atividade prazerosa para a criança, pois existem outras atividades que possibilitam experiência de prazer e de desprazer maior que o brinquedo, como por exemplo, comer algo que gosta ou algo que não gosta. Às vezes a brincadeira torna-se um refúgio do que o sujeito vivencia na realidade, muitas vezes, ele mostra alguma dor, anseio, trauma ao brincar, nem sempre essa atividade o faz sentir-se feliz, nem proporcionará a satisfação da criança, pode proporcionar também a insatisfação. Ao brincar com o imaginário as crianças enfatizam

todas as ações que presenciam, assim ela age de acordo com o que conhece, participa e também vivencia. Essa brincadeira do faz de conta, envolvendo o brinquedo, auxilia na reconstrução muitas vezes idêntica e perfeita da vida real.

Vygotsky como Piaget, aborda sobre o jogo de regras, segundo ele em toda brincadeira há regras, seja explicitamente ou não, afinal quando a criança brinca de mamãe, boneca, irmã, entre outros aspectos, sempre estão presentes as regras. Por exemplo: quando a criança brinca de professora ela tem que agir como uma professora, não pode bagunçar, nem bater nos colegas, ela deve agir como uma docente, constando aí a presença de regras. Ao reproduzir o comportamento dos adultos nos jogos, a criança está mostrando suas situações reais.. Podemos inspecionar na citação abaixo:

O que restaria se o brinquedo fosse estruturado de tal maneira que não houvesse situações imaginárias? Restariam as regras. Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta. Se a criança está representando o papel da mãe, então ela obedece as regras de comportamento maternal. O papel que a criança representa e a relação dela com um objeto (se o objeto tem seu significado modificado) originar-se-ão sempre das regras. (VYGOTSKY, 1998, p. 109)

Através da brincadeira a criança vai realizando os seus desejos, vivendo o que gostaria de viver, realizando o que ela não pode realizar no seu mundo real. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos a que ela tem acesso. Pelo brinquedo, a criança projeta-se nas atividades dos adultos, ela quem vai construir, agir da maneira que gostaria que agissem com ela, no momento da brincadeira torna-se dona de si mesma e procura agir de acordo com os papéis assumidos. Como se pode ver no texto a seguir, que os seus desejos na brincadeira são todos realizáveis:

No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. (VYGOTSKY, 1998, p. 106)

Ao brincar a criança está sempre acima de sua idade média, acima de seu comportamento diário. Na brincadeira, as crianças manifestam suas vontades, seus anseios e certas habilidades que não seriam esperadas para sua idade. Então percebe-se o quanto o brincar traz benefícios para o desenvolvimento da criança, pois é a temporalidade de vida que está em condição favorável para aprender. Exerce a sua autonomia, começa a colocar em prática os seus pensamentos, suas ideias, deixa de ser “dominada” para “dominar” suas ações, seus gestos. Ela brinca porque sente vontade, precisa opinar, ter vontades, agir por si próprio e a brincadeira propicia tudo isso. Como pode-se entender em Leontiev:

Em uma atividade infantil, isto é, em sua real forma interna, essa contradição surge entre o rápido desenvolvimento de sua necessidade de agir com os objetos, de um lado, e o desenvolvimento das operações que realizam essas ações (isto é, os modos de ação), de outros. A criança quer, ela mesma, guiar o carro, ela quer remar o barco sozinha, mas não pode agir assim, e não pode principalmente porque ainda não dominou e não pode dominar as operações exigidas pelas condições objetivas reais da ação dela. (LEONTIEV, 1994, pg. 121)

Segundo Leontiev (1994) o jogo não é uma atividade em que o sujeito vai produzir algo, não haverá um resultado, mas si uma ação. Por exemplo, se a criança está brincando de construir uma casa, o alvo da brincadeira não está na construção da casa, mas sim em fazê-la. Não é a imaginação que motiva a ação, é justamente o contrário, a ação que motiva a imaginação. O indivíduo que através do manuseio do objeto sua ação começa a fluir.

Há vários tipos de jogo, de acordo com Leontiev (1994), jogos subjetivos ou de enredos, “a criança que brinca atribui-se uma função social humana, a qual ela desempenha suas ações”. Quando uma garotinha brinca de mãe, ela age como a mãe age com ela, dá comida, leva para passear, manda calçar os pés, briga e etc. outros jogos, como Kishimoto (2008) ressalta também, são os jogos de regra, como pega-pega, esconde-esconde, que aparecem mais quando a criança já tem 5 ou 6 anos, pois a criança de 3 a 4 anos ainda não sabe “respeitar” as regras, por exemplo, se um menino de 3 anos brincar de esconde-esconde, ele não consegue ficar escondido muito tempo,

acaba dizendo onde está, já um garoto de 6 anos já sabe respeitar a regra e ficar escondido até que o pega o encontre.

Os jogos com regras surgem a partir dos jogos com papéis com a situação imaginária. E eles são muito importantes para o desenvolvimento da criança, pois além de marcar traços importantes em sua personalidade, ainda ensina-o a lidar com a regra.

Portanto, a brincadeira é uma situação de aprendizado infantil, pois o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos pelo fato de a brincadeira ser responsável, também, por impulsionar o desenvolvimento, uma vez que nela a criança se comporta além do comportamento habitual da sua idade e além do seu comportamento diário, Vygotsky (1998), considera que a brincadeira cria "zonas de desenvolvimento proximal".

Nos dias atuais, a instituição escolar presencia seu papel de maneira bastante significativa na formação do sujeito, é preciso agilidade, paciência e muita dedicação para transmitir o conteúdo de forma positiva na preparação do indivíduo para a sociedade. A escola, os docentes, os profissionais que trabalham com a educação nunca tiveram sido tão cobrados pelos pais e também pelo mercado de trabalho por um ensino que prepare o educando para um ensino superior de qualidade. É necessário formar e instruir os educandos e nem sempre a brincadeira é vista como um meio de aprendizado pelos docentes, pelos pais e também pela coordenação, vendo-a como um “momento livre que não traz nenhuma formação”.

Ao discutir o papel do brinquedo para o desenvolvimento infantil, Vygotsky (1998) atribui à brincadeira de "faz-de-conta" muito importante na formação da criança, pois essa atividade é que desperta de forma bastante significativa à imaginação da criança. Para este teórico, o professor é mediador do processo ensino-aprendizagem, o educador não é o “dono da verdade” ele vem auxiliar o saber do educando, levando em consideração todo o conhecimento que o aluno já traz antes de ingressar na instituição escolar. Pois através desta atividade, a criança vai imaginando, sendo mais do que ela é na realidade, tanto na sua idade, como também na mentalidade, na autonomia e etc.

Ao brincar a criança vai imaginando e através da sua imaginação, vai vivendo o que gostaria de tornar realidade, vivenciar como gostaria de viver. Pode-se perceber através dessas atitudes, importantes ferramentas para que o professor possa conhecer e

entender melhor o seu aluno, se quando ele brinca de pai e mãe é agressivo, briga toda hora, mostra como se dá o tratamento em casa, se anda muito triste e não desenvolve bem as atividades, não quer brincar, não se relaciona bem com o colega quando a brincadeira exige uma forma de interação, todas essas ações mostram como o educando está vivendo. É imprescindível observar que no momento em que a criança está brincando vai extravazando o que está vivenciando cotidianamente. Pode-se observar no trecho abaixo:

Freud foi o primeiro a descrever este mecanismo psicológico do brincar quando interpretou o brinquedo de uma criança de 18 meses. O garoto fazia aparecer e desaparecer um carretel, tentando, assim dominar a sua ansiedade em relação ao aparecimento e desaparecimento de sua mãe, simbolizada pelo carretel e, ao mesmo tempo, jogá-la longe sem perigo de perdê-la, já que o carretel voltava quando ele o desejava. Este brinquedo permitia ao menino descarregar, sem risco algum, fantasias agressivas e de amor em relação à mãe, já que era senhor absoluto da situação. Além disso, elaborava deste modo sua angústia diante de cada despedida da mãe. (ABERASTURY, 1992, p.15)

É fundamental analisar o ato de brincadeira para o desenvolvimento integral do indivíduo nos aspectos físico, social, cultural, afetivo, emocional e cognitivo. É necessário conscientizar os pais, educadores e aos que compõem a sociedade em geral sobre a ludicidade que deve estar sendo constantemente vivenciada na infância, ou seja, de que a brincadeira não é uma atividade que traz somente bem estar à criança e sim mostrar que através desta a aprendizagem também acontece, de forma espontânea e prazerosa. Quantas vezes ao brincar o educando mostra criatividade, expressa seus conhecimentos, emoções, se relaciona com os outros, lida com as regras. É brincando que a criança aprende também a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento com a sociedade e a respeitar a si mesma e ao outro. Por meio da ludicidade a criança vai começando a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, aguçando sua visão crítica dos fatos, exercendo sua liderança, e sendo liderados e compartilhando sua alegria nesse simples ato.

Oliveira (2008) ressalta que a partir dessa atividade lúdica, no brinquedo, jogo ou brincadeira é criada uma zona de desenvolvimento proximal na criança...

[...] No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real e também aprende a separar objeto e

significado. Embora num exame superficial possa parecer que o brinquedo tem pouca semelhança com atividades psicológicas mais complexas do ser humano, uma análise mais aprofundada revela que as ações no brinquedo são subordinadas aos significados dos objetos, contribuindo claramente para o desenvolvimento da criança. (OLIVEIRA, 2008 p. 67)

Brincar é um direito fundamental de toda criança, cada educando deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. A escola deve oferecer diversas oportunidades para que a construção do conhecimento seja estimulada através da descoberta, interação, invenção, elementos estes que são indispensáveis para a participação ativa da criança no meio social em que habita. Pode-se concluir que o faz de conta pode tanto ser uma expressão da realidade vivida cotidianamente como também aquilo que a criança gostaria que fosse, mostrando assim o papel que gostaria de desempenhar ao tornar-se adulto.

3 A CONTRIBUIÇÃO DE PIAGET E VYGOTSKY PARA A ÁREA DA EDUCAÇÃO

No capítulo anterior foi abordado o papel da brincadeira nas concepções de Piaget e de Vygotsky. Demonstrou-se que brincadeira faz parte da vida mais tenra criança, pois logo nos primeiros meses de vida o bebê procura objetos para se distrair, para conhecer, para brincar. Ao criar um espaço lúdico na sala de aula, fica claro perceber que as crianças sentem-se mais a vontade, livres para se expressar, exercitar seu imaginário. A proposta de trazer o lúdico para o contexto educacional é promover um desenvolvimento cognitivo e, posterior, alfabetização significativos na prática dos educandos, na medida em que incorporam os diferentes aspectos do mundo que os rodeia através de sua experiência de troca na convivência social. Ao garantir a brincadeira no conjunto das atividades de ensino garante-se o espaço para que a criança exponha sua opinião perante aos adultos e aos seus pares.

Neste capítulo, pretende-se identificar a importância desses teóricos para a educação, quais as contribuições que seus estudos trazem para os educadores, pais e todos os sujeitos envolvidos na formação do indivíduo. Levando em consideração as teorias de cada estudioso, pode-se reparar que os educadores podem se apropriar de seus conceitos como verdadeiras “ferramentas” fundamentais para uma educação de qualidade.

3.1 Piaget e a educação

Este biólogo não apenas estudou a criança, seu aprendizado, sua interação com o ambiente e as pessoas, ele procurou entendê-la como um sujeito em construção. De acordo com Piaget (1978) a criança é um sujeito ativo, dessa forma, é ela que vai assimilar, acomodar e organizar as informações que recebe do seu meio nas suas estruturas mentais, ela precisa agir sobre o que é ensinado, resolvendo os questionamentos que o mundo provoca e adaptando-se a ele. Por esta questão, ele acredita que o conhecimento acontece de dentro para fora.

[...] A inteligência não começa, pois, nem pelo conhecimento do eu nem pelo das coisas enquanto tais, mas pelo conhecimento de sua interação e é ao orientar-se simultaneamente para os dois polos dessa

interação que ela organiza o mundo, organizando-se a si mesma. (PIAGET, 2006, p.361)

O estudioso vê a educação como propulsora do desenvolvimento intelectual, afetivo e moral da criança, ela vem auxiliar o processo de formação. “A educação é, por conseguinte, não apenas uma formação, mas uma condição formadora necessária ao próprio desenvolvimento natural”. (PIAGET, 1978)

Uma questão que Piaget destaca muito é o egocentrismo, que é uma característica da criança do período sensório-motor e do operatório-concreto, onde a criança acredita que as pessoas, o mundo gira ao redor de si mesma, das suas vontades, suas ideias, ela é centro de todas as situações e das pessoas.

O que é, então, o egocentrismo intelectual? É uma atitude espontânea que comanda a atividade psíquica da criança nos seus primeiros tempos de vida e subsiste por toda a vida nos estados de inércia mental. Do ponto negativo, essa atitude opõe-se a comparação do universo e a coordenação das perspectivas, isto é, a atividade impessoal da razão. Do ponto de vista positivo, esta atitude consiste no envolvimento do eu e no grupo social, a tal ponto de o indivíduo imaginar conhecer as coisas e as pessoas por elas mesmas, enquanto na realidade lhes atribui, além das suas características objetivas, qualidades provenientes do seu próprio eu ou da perspectiva particular em que está envolvido. Sair do seu egocentrismo consistirá, portanto, para esse indivíduo, não tanto em adquirir conhecimentos novos sobre as coisas ou o grupo social, nem mesmo aproximar-se mais do objeto, mas em descentralizar-se e em dissociar o objeto: em tomar consciência do que é subjetivo nele, em situar-se entre o conjunto de perspectivas possíveis, e por aí estabelecer entre as coisas, as pessoas e o seu próprio eu, um sistema de relações comuns e recíprocas. O egocentrismo opõe-se, pois, a objetividade, na medida em que a objetividade significa relatividade no plano físico e reciprocidade no plano social. (PIAGET, 1989, p. 61)

Entende-se que o egocentrismo é a característica de uma fase de acordo com a teoria de Piaget. O egocentrismo faz parte da evolução social e intelectual da criança, ela se descentraliza, começa a formar a sua personalidade a partir das relações sociais. Então se pergunta, qual o interesse do educador por esse conceito, de que forma contribui à sua ação educativa? É muito simples, através desse conceito o docente vai saber quando deve interferir e respeitar o processo da criança, que através de sua centralização ela passa a se descentralizar, ou seja, ela precisa passar por essa fase de achar que é o centro de atenção para então amadurecer e entender que as coisas não

giram ao seu redor. É a partir dessa observação que o docente deve criar trocas, para usar o termo piagetiano, mostrando a importância do outro na construção da própria personalidade, proporcionando em sala atividades em grupo, brincadeiras que façam as crianças entenderem que precisam um do outro.

Para o biólogo a instituição escolar deve partir, logo no período sensório-motor, dos esquemas de assimilação da criança, propondo atividades que desafiem as crianças a questionarem, refletirem sobre o que está aprendendo, promovendo a descoberta e a construção do conhecimento, é importante tornar o aluno crítico desde os seus primeiros períodos para que sempre vá aperfeiçoando suas ideias. (Piaget, 1978)

Para que esse conhecimento seja construído é necessário que as concepções infantis estejam capacitadas com as informações vindas do meio em que habita, a partir das percepções de que o conhecimento não é concebido apenas como sendo descoberto espontaneamente pela criança, nem transmitido de forma mecânica pelo meio exterior ou pelos adultos, sendo relevante identificar que o conhecimento acontece de dentro para fora e de fora para dentro, como resultado de uma interação, na qual o sujeito é sempre um elemento ativo, que procura ativamente compreender o mundo que o cerca, e que busca resolver as interrogações que esse mundo provoca.

Segundo Piaget, a criança não é um indivíduo que não possui conhecimentos. Da mesma forma que o adulto ela tenta resolver seus questionamentos e problemas. Abaixo pode-se compreender essa afirmação.

Em resumo, desde que o problema é, por menos que o seja, complicado, a criança parece conduzir seu raciocínio como nós dirigimos o nosso no decorrer de um problema totalmente empírico (um quebra-cabeça etc.), quer dizer, sem guardar na lembrança as démarches sucessivas, e por uma série de tentativas, das quais cada uma é consciente, mas cuja retrospectiva é muito difícil. Se, tarde demais, se pede a criança a descrição de sua pesquisa, na verdade ela simplesmente dá uma receita para encontrar a solução, e uma receita que pressupõe esta própria solução. Nunca, no entanto, ela chega a descrever o seu raciocínio como tal. (PIAGET, 1967, p.197)

O professor possui um papel muito importante no aprendizado dos educandos, deve propor problemas que estimulem os alunos a raciocinarem, resolverem as situações

de seu modo, que eles próprios construam o caminho para buscar uma solução, não dando respostas prontas, mas desafiem os discentes para torná-los críticos e construtor de ideias. O professor é indispensável, porque ele vai auxiliar no aprendizado, buscando meios de instigá-lo e, assim, vai se desenvolvendo. Na notificação a seguir compreende-se o papel do educador para esse pesquisador:

Mas é evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar situações e armas os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis a criança, e para organizar, em seguida, contra exemplos que levem a reflexão e obriguem ao controle das soluções demasiado apressadas: o que deseja é que o professor deixe de ser apenas um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas. (PIAGET, 1978, p.15)

O educador precisa entender que a sua função é mediar à aprendizagem, fazer questionamentos, instigar, incentivar o discente a pensar, estimular suas ideias e conhecimentos. Formar discentes capazes de criar, produzir, debater ideias e não apenas repetir informações.

Piaget (1978) defende a ideia de que a criança ao nascer já vai se adaptando as suas estruturas mentais ao ambiente e sendo educada em seu meio social. Toda criança tem o direito de ser colocada em uma escola para, assim, ir construindo instrumentos de adaptação que são operações lógicas. Pois, o papel da escola é interferir no processo de conhecimento do aluno, é ajudá-lo a se desenvolver a partir de situações que o desafiem. É muito importante que as escolas constituam uma instituição única, onde os alunos se especializem nas áreas que mais se interessam ou que se identificam mais, pois essa instituição deve antes de tudo, favorecer o aluno, torná-lo autônomo. Todos têm o direito à educação e a criança vai se desenvolvendo melhor suas estruturas mentais por meio da formação escolar. Ela vai recebendo instrução e dessa forma capacitando as suas habilidades, exercitando seu lado crítico e tornando-se um cidadão apto para agir em sociedade. A escola deve trabalhar junto com a família para a educação do receptor, precisa estar consciente da sua responsabilidade na formação do sujeito. Piaget explica abaixo essa discussão:

Esse princípio é, portanto, o de que a educação não é uma simples contribuição, que se viria acrescentar aos resultados de um

desenvolvimento individual espontâneo ou efetuado com o auxílio apenas da família: do nascimento até o fim da adolescência a educação é uma só, e constitui um dos dois fatores fundamentais necessários à formação intelectual e moral, de tal forma que a escola fica com boa parte da responsabilidade no que diz respeito ao sucesso final ou ao fracasso do indivíduo, na realização de suas próprias possibilidades e em sua adaptação a vida social. (PIAGET, 1978, p. 35)

É necessário observar a importância da instituição escolar para formação moral, intelectual e social do sujeito e, por isso, precisa estar vinculada a família quando se tratar da instrução da criança. Os pais são imprescindíveis nesse debate, pois eles precisam caminhar juntos com a escola buscando sempre uma melhor qualificação para os filhos.

A educação vai formar indivíduos autônomos tanto intelectualmente quanto moralmente, cidadãos capazes de pensar em soluções para resolver seus próprios problemas e atuarem de forma significativa na sociedade. Daí vem a seguinte questão: Será que as escolas realmente estão preparando cidadãos autônomos?

Pode-se identificar que nas escolas os educandos decoram e agem passivamente, pode-se ver esse exemplo claramente em matemática, quando os alunos não resolvem situações de acordo com a sua espontaneidade e buscando suas próprias soluções. Nem sempre os educadores tem paciência em esperar o próprio aluno encontrar a solução, resolver o problema, sendo assim, acaba não contribuindo para que o aluno torne-se autônomo, crítico, resolva os seus próprios questionamentos. “Se é passivo intelectualmente, não conseguiria ser livre moralmente”. (PIAGET, 1978)

É nesse processo a educação moral também passa por esse mesmo problema, o professor quando age como uma autoridade com a verdade incontestável, sempre o dono da razão e sem disposição para debates. Dessa forma, o educando passa a ver o adulto com medo como alguém que só deve obedecer, vai adquirindo um sentimento de aceitação e obrigação, sem espaço para dialogar, debater, construir ideias.

Como foi bastante discutido que para Piaget o conhecimento é construído na interação da criança com o meio, fica evidente observar que o jogo e o brinquedo é muito significativo na aprendizagem do indivíduo na medida em que cria situações que instiga o sujeito, exercita sua imaginação, expressa os seus sentimentos, organiza, constrói o meio em que vive.

3.2 Vygotsky e a educação

Vygotsky se dedicou ao ensino durante toda a sua vida. Como já exposto no capítulo I foi professor de várias disciplinas, dentre elas, Arte, Literatura, Psicologia e etc. preocupou-se também com a educação de portadores de necessidades especiais,. Como pode perceber este estudioso não só interessou-se pela educação, como também atuou nessa área. Seu interesse pela licenciatura foi tanto que publicou a revista “Psicologia Pedagógica”. Freitas (2007) ressalta...

Educação e escola foram um centro de interesse para Vygotsky que publicou vários artigos, comentários e observações de caráter pedagógico. Em 1926, por exemplo, foi publicada a obra Psicologia pedagógica, baseada em sua experiência como professor na Escola de Magistério de Gomel. Nessa obra percebe-se já a exigência de uma explicação psicológica aos processos de aprendizagem e desenvolvimento, embora sua teoria da origem sociocultural das funções superiores ainda não estivesse totalmente formulada. Entretanto, já coexistiam, sem formar uma síntese unitária, as categorias psicológicas relacionadas aos processos elementares de aprendizagem e as categorias semióticas aplicáveis aos produtos superiores da arte e da cultura. (FREITAS, 2007, p. 100)

Partindo do pressuposto que Vygotsky defende que a criança se desenvolve através da interação social, pode-se ver o papel da escola nessa afirmação. A criança vai desenvolver suas habilidades e competências através do convívio com os colegas, amigos e professores, sendo este último considerado pelo teórico o “mediador” do ensino-aprendizagem.

Como exposto acima nos capítulos anteriores, a aprendizagem se inicia muito antes de ingressar na escola. Pois, o espaço onde ela reside, ela também aprende. Aprende a falar, adquire informações, a dialogar com os seus pais, amigos e etc. Sendo assim, a instituição escolar vai apenas dar continuidade a tudo o que foi aprendido e através desse aprendizado adquire novas informações. Sobre essa questão, Vygotsky criou um conceito chamado de zona de desenvolvimento proximal, que é muito usada pelos professores, psicólogos, pais, pedagogos e etc. em que a criança aperfeiçoa seu conhecimento por algo que já aprendeu, por exemplo, a criança não sabe o que são formas geométricas, mas ao chegar à escola o docente começa a explicar esse assunto e fala de um quadrado, que tem a forma de um quadro da sala em que estuda, da janela da

casa, então a criança vai associar o que já vê cotidianamente e amadurecer seus conceitos através do que já aprendeu.

De acordo com Vygotsky se o aprendizado conduz o desenvolvimento, a escola tem um papel muito relevante na formação do sujeito. O ensino escolar deve ser organizado levando em consideração o que a criança já aprendeu, sendo assim a zona de desenvolvimento real, para então desenvolver o que ela está aprendendo, sendo a zona de desenvolvimento proximal. A instituição escolar preocupa-se, sobretudo, com o aprendizado da criança, por este motivo a intervenção do docente é muito significativa. O professor deve auxiliar o aluno, incentivá-lo nos seus questionamentos, tornando-se um mediador do conhecimento, não deve responder as perguntas, mas ajudar o aluno a descobri-las. De acordo com Oliveira (2008) a intervenção do professor é indispensável nesse processo:

Como na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado. O professor tem o papel explícito de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente. **O único bom ensino, afirma Vygotsky, é aquele que se adianta ao desenvolvimento.**³ Os procedimentos regulares que ocorrem na escola – demonstração, assistência, fornecimento de pistas, instruções – são fundamentais na promoção do “bom ensino”. Isto é, a criança não tem condições de percorrer, sozinha, o caminho do aprendizado. A intervenção de outras pessoas – que, no caso específico da escola, são o professor e as demais crianças – é fundamental para a promoção do desenvolvimento do indivíduo. (OLIVEIRA, 2008 p.62)

Vygotsky acredita que a mente não possui estruturas interligadas onde cada uma depende da outra, mas sim como um conjunto de capacidades específicas que se desenvolvem independentemente das outras, dessa forma o aprendizado não se restringe apenas a capacidade de pensar e refletir e, sim, a um conjunto de capacidades específicas. No trecho abaixo pode-se compreender essa afirmação:

Essa pesquisa mostra que a mente não é uma rede complexa de capacidades gerais como observação, atenção, memória, julgamento etc., mas um conjunto de capacidades específicas, cada uma das quais, de alguma forma, independe das outras e se desenvolve

³ Grifo do autor

independentemente. O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas. De acordo com esse ponto de vista, um treino especial afeta o desenvolvimento global somente quando seus elementos, seus materiais e seus processos são similares nos vários campos específicos; o hábito nos governa. Isso leva a conclusão de que, pelo fato de cada atividade depender do material com a qual opera, o desenvolvimento da consciência é o desenvolvimento de um conjunto de determinadas hábitos específicos. A melhora de uma função da consciência ou de um aspecto da sua atividade só pode afetar o desenvolvimento de outra na medida em que haja elementos comuns a ambas as funções ou atividades. (VYGOTSKY, 1991, p.92-93)

O aprendizado faz com que o indivíduo desenvolva várias outras capacidades, a partir do momento em que a criança aprende sobre algo sempre vai despertando outras situações. É o que Vygotsky chama de zona de desenvolvimento proximal, já discutido bastante nesse trabalho, esse conceito é um dos mais importantes para o docente na teoria desse pesquisador. Essa zona é quando a criança está amadurecendo o seu aprendizado, ou seja, se a criança está aprendendo a ler e já sabe diferenciar as letras e encontrá-las essa é uma zona de desenvolvimento proximal, onde o seu conhecimento está alcançando os níveis mais elevados a partir do que já compreendeu. Abaixo explica a importância dessa zona:

[...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de “frutos” do desenvolvimento. o nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VYGOTSKY, 1991 p.98)

A zona de desenvolvimento real caracteriza o que a criança já aprendeu e a zona de desenvolvimento proximal o que está aprendendo. Essa é uma importante ferramenta para os profissionais da educação. Possuindo consciência de que a criança aprende de

acordo com os conhecimentos que ela possui, e instruindo o educador a respeitar o tempo de cada criança.

Vygotsky contribui positivamente na área de educação, na medida em que traz importantes reflexões sobre o processo de formação do ser humano, aponta para a necessidade de educadores que incentivem aos discentes a dialogar, duvidar, discutir, questionar, compartilhar saberes, formando dessa forma, cidadãos críticos. Onde haja espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade.

Vygotsky considerava a educação não apenas central para o desenvolvimento cognitivo, mas a quintessência da atividade cultural. Ou seja, considerava a capacidade para ensinar, e para se beneficiar da instrução, um atributo fundamental dos seres humanos. (MOLL, 1996, p. 3)

Para Vygotsky, a educação não iria apenas formar o ser humano, instruir seus conhecimentos, ela irá promover relações de amizade, respeito, entre professor-aluno, aluno-aluno, ou seja, criar um ambiente de interações, onde as pessoas vão aprender além de tudo a se relacionar. Propõe uma visão de formação das funções psíquicas superiores como internalização mediada pela cultura.

De acordo com Moll (1996) o professor é iniciador, observador dos seus alunos, mediador, liberador, ou seja, libertar os alunos para correrem atrás dos objetivos, para correr riscos, ter a sua autonomia.

O docente deve saber interferir no desenvolvimento do educando, trabalhar a zona de desenvolvimento proximal, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente, mediar o acesso do aluno ao conhecimento socialmente produzido. É primordial que o educador tenha consciência do seu papel e que a função na área da educação, tendo como objetivo principal levar o aluno adiante, pois quanto mais ele aprende, mais se desenvolve mentalmente.

A interação entre os alunos, o compartilhamento de conhecimentos onde cada criança expõe o que aprendeu e o que está aprendendo também promove um desenvolvimento intelectual e social nas crianças. A partir do momento em que elas compartilham experiências e colocam em evidencia suas dúvidas, por exemplo, se uma

criança tem dificuldade em aritmética e a outra já consegue resolver sozinha, a partir da interação haverá uma troca de conclusões e a criança que já consegue resolver sozinha ajudará aquela que não consegue ainda.

Como exposto em Piaget, Vygotsky também acredita que a brincadeira trás importantes contribuições na aprendizagem do indivíduo. Através da atividade do brincar, a criança reproduz tanto o que vivencia no cotidiano, quanto o que gostaria de viver. Ela exercita a sua imaginação, torna-se maior do que a sua idade permite, argumenta, raciocina, soluciona problemas. De acordo com este autor, toda brincadeira possui regras, então a criança aprende a respeitar e a criar regras.

Diante desse debate, pode-se concluir que estudá-los é mais do que conhecer sobre educação, formação, criança, é conhecer a si próprio. Olhar para si mesmo e entender que somos um sujeito em construção. Suas teorias e discussões ajudam o docente e todos envolvidos na educação a não olhar apenas para o que as crianças devem aprender, mas, sobretudo, o quanto aprenderam, compreenderam, respeitar o espaço e entender que todos nós temos o nosso tempo que, para Piaget refere-se ao estágio de desenvolvimento e para Vygotsky refere-se à zona de desenvolvimento proximal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao ingressar no curso de Pedagogia fiquei muito entusiasmada ao participar de alguns debates sobre a importância do ato do brincar para o desenvolvimento infantil, sempre acreditei que a brincadeira fosse uma atividade livre, um momento em que a criança faz o que tem vontade, uma descontração. Porém, ao acompanhar as aulas na Universidade, percebi que era bem mais do que simplesmente se descontrair, era aprender, demonstrar seus medos, sentimentos e ansiedades. Fui recordando da minha infância e observando que gostava muito de brincar de escola, onde eu era sempre a professora, ou seja, sempre brinquei de algo que almejava e admirava, fazendo-me entender a importância do brincar para a criança. Diante das discussões sobre essa atividade, observei que dois autores destacam em seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo, a brincadeira como fundamental no processo para a contribuição da formação do pensamento, da linguagem, da sociabilidade e afetividade dos pequeninos.

Ambos atribuem um grande significado à brincadeira, uma atividade que a criatividade, a imaginação, a fantasia e a realidade vão se relacionar na produção de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. Onde o educando vêm expor sua opinião, seus anseios, medos, frustrações, alegrias, criar e recriar sua vida, demonstrando que não há limites para a imaginação. No momento em que a criança brinca, é a autora da situação, vem desenvolver suas habilidades, descontrair, deixar sua autonomia e suas ideias a mostra.

É extremamente relevante ressaltar a brincadeira e os jogos, os fatores que essa atividade lúdica vem propiciar na formação intelectual, social e afetiva do sujeito, analisar porque as crianças gostam tanto de brincar, porque a brincadeira sempre fez e continua fazendo parte da infância, quais são os benefícios que essa atividade vem trazer para os indivíduos, porque esta atividade marca a infância da criança, desde a antiguidade sempre ouviu falar que as crianças brincam, de um jeito diferente, mas sempre brincaram. Dessa forma podemos compreender que toda criança gosta de brincar, seja de boneca, de bola, de luta, de escola, amarelinha, esconde-esconde, corda, entre outros. A brincadeira é uma atividade lúdica que se apresenta de forma mais acentuada na infância. Na maioria das vezes, é uma atividade livre que vai sendo imaginada e desenvolvida pela criança. A partir do momento em que brinca a criança

vai desenvolvendo habilidades, se movimentando, interagindo tanto com as pessoas que a cerca como também com os objetos que a rodeiam e conhecendo seu ambiente físico e sócio cultural, criando situações, vivendo sua fantasia, exercitando sua autonomia. Por meio dessa atividade ela vai imaginando, adaptando a brincadeira de acordo com a realidade em que vive, expondo os seus sentimentos, seus desejos, seus anseios e também suas vontades. “A brincadeira simbólica dá também a criança a maravilhosa possibilidade de ir até a fantasia, vivê-la intensamente e poder voltar à realidade sem se perder pelo caminho ou se fixar na situação imaginada” (OLIVEIRA, p. 55).

Portanto, a o ato do brincar é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil na medida em que a criança pode transformar e produzir novos significados. Nas situações em que ela é estimulada, instigada, tendo sua autonomia é possível observar que rompe com a relação de subordinação ao objeto, atribuindo-lhe um novo significado, o que expressa seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento. Essa atividade lúdica vem favorecer o desenvolvimento individual da criança, ajudando-a a assumir comportamentos mais avançados que aqueles que ela vivencia em seu dia-a-dia, aprofundando o seu conhecimento sobre as dimensões da vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- CHIARROTTINO, Zélia Ramozzia. **Piaget: Modelo e Estrutura**. Rio de Janeiro, 1972.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin psicologia e educação: um intertexto**. Minas Gerais, 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**. Porto Alegre, 1966.
- OLIVEIRA, Vera Barros. **O símbolo e o brinquedo: a representação da vida**. Rio de Janeiro, 1992.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo, 2008.
- PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. São Paulo, 2006.
- PIAGET, Jean. **INHELDER, Barbel. A Psicologia da Criança**. 11ª Edição. Rio de Janeiro, 1990.
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. Martins fontes. São Paulo, 1989.
- PIAGET, Jean. **Os pensadores. In: MACEDO, R, M, S.** São Paulo, 1978.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** 6ª Ed. Rio de Janeiro, 1978.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro, 1971.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. Rio de Janeiro, 1975.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro, 1967.

TAILLE, Yves de La. **Jean Piaget, por Yves de La Taille**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=c5lkmWq8Z5U>>. Acesso em: 08 de novembro de 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.